A Caminhada

Francisca das Chagas Vasconcelos

RDS EDITORA

Francisca Vasconcelos

é pertinaz pesquisadora. Pesquisar, principalmente, vida de pessoas, famosas, não por terem consigo honrarias fúteis e, muitas vezes compradas, para mostrarem ostentação. Pelo contrário, sua pesquisa direciona-se para verdadeiros seres humanos, pessoas ricas de virtude, cuja vida pautada no Bem deixou ou deixará um legado exemplar.

O cientista inglês, Isaac Newton (1643-1727) assevera que para efetuar boas pesquisas é necessário: ter disciplina; ter coragem; ser impessoal; ser ético; possuir sensibilidade e; ser detalhista.

Ora, para os que conhecem Francisca Vasconcelos já anteveem toda a veracidade dessa assertiva do grande precursor do Iluminismo. Francisca Vasconcelos, apetrechada de suas qualidades, buscou, primeiramente, pesquisar e deixar impressa em livro a vida de seus pais ("A Saga da Família Adriano/Vasconcelos"), com o intuito de levar às gerações vindouras a força do trabalho, a esperança denodada no futuro, a disciplina rígida dos pais, que legou aos filhos, a ética, bandeira que a família mantinha e mantém sempre hasteada.

Depois, demonstrando o amor à terra em que nasceu, Bela Cruz, e tendo o peito pleno de gratidão, organizou "Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro e sua Missão Evangelizadora", religiosa essa que criou alicerces para a educação dos filhos de Bela Cruz.

Agora, neste ano de 2014, Francisca Vasconcelos debruça-se sobre sua própria vida, para deixar imortalizados, em livro, a sua personalidade marcante, os fatos que a com-

Francisca das Chagas Vasconcelos

A amiga Rita
Fonseca
Afetuosamente,
Francisca Vasconcelos.
Bela Cruz, 08/12/2014.

A Caminhada

RDS EDITORA

Fortaleza | Ceará | 2014

A CAMINHADA
© 2014 | *Francisca das Chagas Vasconcelos*

Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto A. Dantas (carlosalberto.adantas@gmail.com)

Revisão
Giselda Medeiros

Impressão
RDS Gráfica e Editora Ltda.
rds1048@gmail.com

Vasconcelos, Francisca das Chagas
A caminhada / Francisca das Chagas Vasconcelos
Fortaleza: RDS Gráfica e Editora, 2014.
152p.:il.

ISBN: 978-85-7997-103-7

1. Biografia I. Título

CDD: 920

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

A Caminhada

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
Francisca Vasconcelos | 7

NASCIMENTO: LOCALIDADE | 9
Breve Histórico Sobre a Terra Natal | 9

O CURSO PRIMÁRIO | 16

O CURSO GINASIAL | 21

O CURSO NORMAL | 25

E A CAMINHADA CONTINUA... | 41

A CONVIVÊNCIA COM A FAMÍLIA VASCONCELOS DE CAMOCIM | 78

O SEGUNDO LIVRO E A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO THEOLINA DE MURILLO ZACAS | 85

RECONHECIMENTO, GRATIDÃO E AFETO | 87

DISCURSO: COLAÇÃO DE GRAU: CURSO NORMAL – 10/12/1966 | 88

DISCURSO EM HOMENAGEM À IRMÃ BRASILEIRO: 1ª SUPERIORA DO INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO (IIC) – 31/5/1967 | 93

SAUDAÇÃO AO MONS. ODÉCIO LOIOLA SAMPAIO – JUBILEU DE OURO DE SACERDOTE (30/11/1991) | 95
Saudação de Francisca das Chagas Vasconcelos | 95

RETROSPECTIVA: VIDA DE FERNANDO VASCONCELOS | 101
Apresentada na Missa Solene de Seus 70 (Setenta) Anos em 29/6/1998 – Capela Nossa Senhora das Graças / Hospital Militar de Fortaleza | 101
Infância | 101
Vida em Colégio | 102
Vida Profissional | 102
Vida Familiar | 103

Lazer | 104
Viagens | 104
Amigos | 104

DISCURSO PROFERIDO POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO 1º LIVRO "A SAGA DA FAMÍLIA ADRIANO/ VASCONCELOS": TARDE DE AUTÓGRAFO EM BELA CRUZ 24/9/2005 – INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO | 106
História de Vida | 106

TARDE DE AUTÓGRAFOS: COLÉGIO ESTADUAL JUSTINIANO DE SERPA | 110
Agradecimentos | 110
História de Vida | 112

MISSA SOLENE POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE FRANCISCA FONTENELE VASCONCELOS, EM CAMOCIM/CE – 6/2/2006 | 116
Uma Palavra de Carinho e de Saudade | 116

SÚPLICA E AGRADECIMENTO: MISSA SOLENE PELOS 40 ANOS DE CONCLUSÃO DO CURSO NORMAL – IGREJA MATRIZ DE BELA CRUZ EM 10/12/2006 | 119

DISCURSO PROFERIDO POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO LIVRO "IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA" NO COLÉGIO DA IMACULADA EM FORTALEZA 21/4/2007 E, EM BELA CRUZ, EM 31/5/2007 | 121

DISCURSO EM COMEMORAÇÃO AO JUBILEU DE OURO DO INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO DE BELA CRUZ, EM SOLENIDADE OCORRIDA EM 14/2/2014 | 125
50 Anos Semeando e Colhendo | 125

DISCURSO DE AGRADECIMENTO: SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO THEOLINA DE MURILLO ZACAS, EM SÃO GONÇALO, NO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ, EM 8/4/2011 | 132

O VERDADEIRO EXERCÍCIO DA CIDADANIA | 136

MOMENTOS DE LAZER | 141

APRESENTAÇÃO

A vida humana é um misto de perdas e ganhos. Não há somente derrotas, tampouco vitórias exclusivas. E é essa mesclagem que torna possível continuar, no dia a dia, em busca da conquista dos ideais.

A batalha deve ser diária, contínua e persistente. Os frutos só serão produzidos de maneira compensadora se os cuidados necessários ao cultivo, como crescimento e floração da planta forem adequados, o que proporcionará, então, uma colheita abundante e satisfatória.

Isto vale, também, para o ser humano, que deve caminhar, sem medo e de maneira confiante, a fim de que possa superar todos os obstáculos que, por ventura, venham dificultar a sua jornada, tendo a certeza de que seus alicerces estão bem plantados.

Não posso nem devo me considerar "modelo de pertinácia", mas posso afirmar que vale a pena insistir. Se houver recuo diante da primeira dificuldade, o que caracteriza fraqueza e inconsistência dos ideais, os passos seguintes se tornarão improváveis.

A vontade e o desejo de levar ao conhecimento de todos que, embora a batalha seja árdua, se houver persistência, seremos vitoriosos, levaram-me a reunir neste compêndio tudo o que enfrentei durante os anos até agora vividos.

O dia a dia não é fácil, mas quando temos o apoio da família e dos amigos e acreditamos na Supremacia Divina, seremos capazes de chegar lá e vencermos de maneira digna os percalços da vida.

É esta, pois, a mensagem que "A Caminhada" aspira levar aos familiares e amigos o resumo da trajetória de um ser humano que vivenciou muitas situações "dramáticas e constrangedoras", às vezes, mas, sobretudo, compensadoras, como incentivo à realização de seus anseios, na certeza de que, se perseverarem em sua busca, terão seus esforços coroados de êxito.

Se conseguir atingir esse objetivo, com certeza, dar-me-ei por feliz.

Obrigada.

Francisca Vasconcelos

NASCIMENTO: LOCALIDADE

Breve Histórico Sobre a Terra Natal

Bela Cruz, cidade situada ao norte do Estado do Ceará, pertenceu ao Município de Acaraú até 1957. Nasceu há mais de três séculos, precisamente, em 1683, com o nome de Santa Cruz.

Naquele ano, o sesmeiro Manoel Góes e seus companheiros foram agraciados com a primeira sesmaria do Vale do Acaraú. Com o passar do tempo, outras pessoas ali foram morar.

Em 1732, foi construída uma capela consagrada a Nossa Senhora da Conceição.

Nesse mesmo ano, em 12 de setembro, os sesmeiros pernambucanos Nicolau da Costa Peixoto e Domingos Aguiar de Oliveira doaram alguns bens, constituídos de meia légua de terra e de 40 vacas, formando assim o patrimônio da Capela, conforme escritura de Doação, hoje Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

O Decreto Federal nº 311 de 1938 deu ao topônimo a denominação de Bela Cruz.

O município foi criado em 23 de fevereiro de 1957, por lei do então Governador do Ceará Paulo Sarasate Ferreira Lopes, e instalado, oficialmente, em 25 de março de 1959.

Foi nesta vila de Bela Cruz que nasci em 5 de março de 1941, tendo como pais Gabriel Arcanjo de Vasconcelos e Theolina de Muryllo Zacas, ocupando a 14ª posição na pirâmide familiar composta por dezoito filhos: Geralda Jacy de Vasconcelos, Francisco de Assis Vasconcelos e Francisco Sales Vasconcelos (gêmeos), Manoel Neon de Vasconcelos, Maria Nilza Vasconcelos, Maria Eunice Vasconcelos, José Maria de Vasconcelos, Maria Berenice Vasconcelos, Maria Luíza Vasconcelos (I – falecida poucos dias após o nascimento), Raimundo Nélson Vasconcelos, João Bonfim Vasconcelos, Maria Luíza Vasconcelos (II), Guida Maria Vasconcelos, Francisca das Chagas Vasconcelos, Margarida Vasconcelos, Maria Genoveva Vasconcelos, Maria do Socorro Vasconcelos e Antônio Ribeiro Vasconcelos.

Como os demais irmãos, recebi uma educação rígida, pautada nos princípios morais da ética.

Era muito peralta: amava fazer brincadeiras saudáveis com os meus irmãos – mas nada que os prejudicasse.

Lembro-me de que, aos três anos de idade, em 1944, Neon meu irmão encontrava-se doente, em consequência do sarampo mal curado. Apesar da doença e de estar acamado, meu irmão era muito tolerante: percebendo que minha presença na cozinha atrapalhava nossa mãe, por causa das minhas perguntas e peraltices, ele me chamou para o quarto onde se encontrava deitado e para me distrair falou: "Olhe para as telhas (o teto da casa) você esta vendo aquela cobrinha? Ela está se movimentando. Você está vendo?" Na verdade, eu nunca vi cobra nenhuma.

No dia 25 de janeiro de 1945, Neon faleceu. Meus irmãos e eu (os menores) ficamos na casa dos meus padrinhos de batismo: Anselmo Vasconcelos e Marieta Santos que moravam vizinhos à nossa casa, na Rua Cap. Miguel Lopes, 644. Lembro-me bem: o corpo de Neon foi levado à Igreja de São Vicente, na Rua Humaitá, e depois conduzido para o cemitério, na Rua Cap. Miguel Lopes, passando em frente de nossa casa. Minha mãe havia dado à luz a filha Genoveva, em 10/1/1945.

Alguns dias após o falecimento de Neon, depois que foi rezado o terço, as pessoas amigas ainda se encontravam em nossa casa e, como era época de inverno, a família muito numerosa, eram colocados cordões/cordas para estender roupas dentro de casa. Aproveitei enquanto estavam todos conversando, na sala de visitas, e peguei uma lamparina, pois não havia luz elétrica, e fiquei passando por debaixo das roupas estendidas. O fogo pegou na minha roupa e se espalhou. Comecei a gritar, e minha mãe me socorreu, rasgando minhas vestes. Mesmo assim, fiquei bastante queimada, e até hoje existem cicatrizes no meu corpo. Berenice, minha irmã, armou uma rede e ficou me embalando para aliviar a dor, enquanto eu chorava bastante. A dor era grande e, consciente de minha travessura, crescia o medo de ser castigada. Diante do meu choro, ela me perguntou: "Está doendo muito?" E eu respondi: "Tô com medo que as baratas venham me roer". Na verdade, estava mesmo era com medo de apanhar pela travessura.

A convivência com os irmãos era saudável. Não tínhamos permissão para frequentar a casa de vizinhos, pois nossos pais não queriam que incomodássemos a ninguém. Havia amizade, bom relacionamento, boa aceitação por parte de todos, segundo os costumes da época. A rigidez da educação que recebemos é que ditava o que era ou não possível fazer sem nos tornarmos indesejáveis. Foi um tempo prazeroso, de acordo com a realidade da época.

As irmãs: Guida Maria, e Eunice, juntamente com Francisca – 1990.

Fui alfabetizada, como todos os meus irmãos, por minha mãe Theolina. Só fui matriculada nas Escolas Reunidas de Bela Cruz, escola pública, em fevereiro de 1948, quando já sabia ler e escrever, embora tenha sido a única dos filhos, que, ao entrar na escola oficial, ainda estava na cartilha, mas o desvelo materno era maior que qualquer diferença: todos

os dias, quando chegava da aula, minha mãe me arguia para comprovar o meu rendimento/aproveitamento escolar e ter a certeza de que, embora eu já estivesse alfabetizada, não se precipitara em me colocar na escola, ainda na fase da cartilha.

Nasci canhota e ainda sou: três coisas, apenas, faço com a mão direita, quais sejam: pedir a bênção, fazer o sinal da cruz e escrever.

O ato de escrever com a mão direita foi o mais crucial dos três. Mas o que fazer? A obediência é cega: ai daquele que ousasse desobedecer. Escrever com a mão direita foi uma exigência de minha mãe, e, por isso, lhe sou eternamente grata, pois acho horrível a pessoa escrever com a mão esquerda.

As travessuras eram uma constante em minha infância. O quintal de nossa casa era um verdadeiro pomar: repleto de árvores frutíferas. Gostava muito de subir nessas árvores, embora escondida de minha mãe que não aceitava esse tipo de brincadeira. Um dia, subi no umbuzeiro e despenquei lá de cima com galho e tudo. Felizmente minha mãe chegou na hora exata e me levantou do chão. Como me encontrava sem fala, tamanho o impacto, ela me conduziu até a cozinha e me deu um copo d'água, o que me superou do mal-estar. Serviu de lição. Daí então, fiquei mais cautelosa com as brincadeiras.

Em 1949, casou-se minha irmã Eunice, e minha mãe mandou-me para a casa dela, a fim de ajudá-la nos afazeres domésticos. Fiquei lá por algumas semanas, mas a dor de

dentes foi maior que a vontade de ser útil e voltei para casa. Com mais idade, aos dez anos ajudei minha irmã Nilza e, depois, Geralda, a irmã mais velha, em suas respectivas casas.

Quando criança, sentia verdadeiro pavor ao deparar-me com o Vigário da Paróquia de Bela Cruz, Padre Odécio Loiola Sampaio. Não à pessoa dele, absolutamente, mas era a sua batina preta que me amedrontava. Pela manhã, diariamente, quando minha mãe estava varrendo a calçada de nossa casa, Padre Odécio vinha por essa calçada, pois se dirigia à Igreja de São Vicente na Rua Humaitá, uma vez que a Igreja Matriz se encontrava em reforma. Então, eu ia para perto de minha mãe e lhe dizia entre lágrimas: "Lá vem o pade e eu vou já s'imbora". Minha mãe, entretanto, não deixava que eu entrasse em casa para fugir do Vigário e, quando este se aproximava de mim, falava comigo e me presenteava com bombons e "mariolas". Mas, mesmo com tanto agrado, o medo do vigário continuava.

Quando eu tinha entre 10 e 11 anos de idade, esse pavor ainda perdurava. Meu pai, talvez na tentativa de combatê-lo, mandava-me ir até à Casa Paroquial que ficava na mesma praça da Igreja Matriz, onde também era localizada a nossa casa, para colocar umas intenções de missa. Em lá chegando, Padre Odécio dizia: "Havia gente que, quando pequena, chorava quando me via e, agora, já vem à Casa Paroquial colocar intenções de missas. Que bom!".

O mês de maio tinha suas comemorações religiosas encerradas com o grande evento: a coroação de Nossa Se-

nhora. Com dez anos de idade, fui escolhida para coroar Nossa Senhora, no dia 31 de maio, na Igreja Matriz.

Maria Lima, integrante da Congregação das Filhas de Maria, era organizadora do evento que contava com a participação das adolescentes da Congregação das Cruzadas para abrilhantar os festejos, e também com a participação de toda a população belacruzense.

Eu não integrava essa congregação, mas fui convidada a participar, o que aceitei com a aquiescência de meus pais.

No dia 31 de maio de 1951, em traje de "anjo" às 18 horas, integrando a procissão interna na Igreja Matriz, quando esta chegou ao altar-mor, ao lado esquerdo do mesmo, um trono, especialmente preparado para esta solenidade, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Paróquia, conduzida em andor, foi colocada no local designado e, na presença dos fiéis que lotavam o recinto, enquanto o harmônio tocava suavemente, entoei, sozinha o canto:

"Minha voz aos céus remonte
Pra cantar em teu louvor
Esta coroa em tua fronte (coloquei a coroa na imagem)
Seja da nossa eterno penhor. (bis)
E o coro:
Meninas, vibrai de alegria
Erguendo em canto vivaz
Um hino de amor à Maria } bis
Excelsa Rainha da Paz". } bis

Esta emoção aconteceu por três anos consecutivos.

O CURSO PRIMÁRIO

Depois de minha mãe, tive como professora, entre outras: Ceci Regino Holanda, 1ª Diretora do Instituto Imaculada Conceição – IIC. Era sobralense e, quando deixou a direção do Instituto, ocupou o cargo de Professora nas Escolas Reunidas de Bela Cruz, primeira escola pública, ao lado de Maria Neuma Vasconcelos, minha madrinha de batismo e minha vizinha. Havia muita disciplina, e a rigidez da época não permitia brincadeiras dentro da sala de aula. A tabuada, utilizada na aprendizagem das quatro operações, era regada à palmatória. Ai daquela (à época não existia classe mista, alunos e alunas) que na arguição errasse a resposta: a palmatória era acionada impiedosamente.

Em 1954, fui matriculada no Instituto Imaculada Conceição – IIC, fundado em 1947 pelo Padre Odécio Loiola Sampaio, primeiro Vigário, cujo Paroquiato durou cinquenta e quatro anos.

À época em que fui estudar no IIC, a diretora era uma professora belacruzense com o curso normal feito na Escola Normal Virgem Poderosa de Acaraú: Maria do Perpétuo Socorro Carvalho. Fui matriculada na 3ª série primária (hoje Ensino Fundamental), e minha professora chamava-se Maria de Lourdes Pinto, minha conterrânea com curso normal feito em Fortaleza.

Na 4ª e 5ª séries, tive como professora a própria Diretora do IIC, a qual, hoje, é Irmã Perpétua, da Companhia de São Vicente de Paulo e de Santa Luíza de Marillac. Era uma excelente educadora.

Os meus colegas de turma da 4ª e 5ª séries eram: João Bonfim e Guida Maria (meus irmãos), João Eustáquio, João Pontes, Guida Maria Silveira, Maria Filomena Louzada (esta só na 4ª série, posteriormente, foi estudar em Acaraú e depois em Fortaleza), Maria Zilá Menezes e Tereza Nilda Araújo.

A Professora Perpétua, hoje Irmã Perpétua, Filha da Caridade, era uma educadora dinâmica. Nas comemorações de 7 de Setembro, um mês antes, começava a preparar a turma, ensaiando números de ginástica para exibição no grande dia. No final do ano, por ocasião da festa do Vigário Padre Odécio (ordenação sacerdotal celebrada em 30 de novembro de cada ano), ela exercitava, com alunas, bailados, para apresentação nesse dia, que também era escolhido para a colação de grau dos concludentes da 5ª série primária. Eu me encontrava lá integrando os grupos.

Em 1956, terminei a 5ª série primária. A turma era composta pelos integrantes já, anteriormente, citados, com exceção de Maria Filomena Louzada que se havia matriculado na Escola Virgem Poderosa, em Acaraú. Por ser a primeira da turma, fui escolhida a oradora.

Foi um dia muito feliz para os oito concludentes e seus familiares.

A partir de 1957, como não havia possibilidade de continuar os estudos, pois Bela Cruz não dispunha de oferta

de ensino além da 5ª série, e meus pais não tinham pretensão de mandar os filhos para estudarem fora, em outras cidades, por motivos óbvios: apego aos mesmos e falta de condições financeiras, dediquei-me durante três anos à leitura porque, "Saímos um pouco de nós, viajamos quando lemos "(Marcel Proust, escritor francês).

Colação de Grau – término da 5ª série primária – Instituto Imaculada Conceição em Bela Cruz – 30/11/1956. Francisca e a irmã Guida Maria

Em 1959, envolvi-me, juntamente com os demais irmãos, com a aquiescência de meus pais, em movimentos para a consecução de meios financeiros (partido azul e vermelho, leilões, rifas etc.) destinados à construção de uma nova sede do Instituto com possibilidades de oferecer ensino até o 2º grau, inclusive o Curso Normal. Esses movimentos para arrecadar recursos tinham a supervisão do Vigário Padre Odécio.

Em 1960, em 14 de fevereiro, foi instalado, oficialmente, o Patronato e Escola Normal Rural Imaculada Conceição que, algum tempo depois com a tramitação da papelada junto ao Conselho Estadual de Educação, recebeu o nome original de Instituto Imaculada Conceição – IIC, com condições e pretensões de oferecer os cursos Ginasial e Normal Pedagógico.

Esse estabelecimento de ensino recebeu como administradoras as Filhas de São Vicente de Paulo e de Santa Luíza de Marillac.

Sua primeira Superiora/Diretora foi a inesquecível Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, a tão querida Irmã Brasileiro, de saudosa memória.

A solenidade de inauguração foi secretariada por mim que lavrei a ata sobre o evento, como consta dos anais do IIC.

Quando o Instituto Imaculada Conceição – IIC reabriu suas portas, na nova sede, às famílias belacruzenses, eu e as demais futuras alunas já havíamos feito o exame de admissão ao ginásio e, quando as aulas iniciaram, com uma turma exclusivamente feminina, composta por Ana Maria Carvalho, Ana Rita Vasconcelos, Francisca das Chagas Vasconcelos, Guida Maria Vasconcelos, Maria Alice Vasconcelos, Maria Stela Pinto, Maria Genoveva Vasconcelos, Margarida Vasconcelos, Maria de Lourdes Araújo, Maria de Jesus Maranhão, Maria Nazaré Silveira, Terezinha Magalhães Rocha, entre outras, a dedicação foi total: aos estu-

dos e ao colégio. Passávamos o dia no Colégio. No período da manhã cultivando uma horta, pois as dificuldades eram tantas e os recursos de toda espécie, escassos; e no período da tarde, em aula.

A existência do cultivo de uma horta era uma exigência do currículo escolar, pois a pretensão inicial era oferecer o Curso Normal Rural. Essa ideia evoluiu e passou para o Curso Normal Pedagógico.

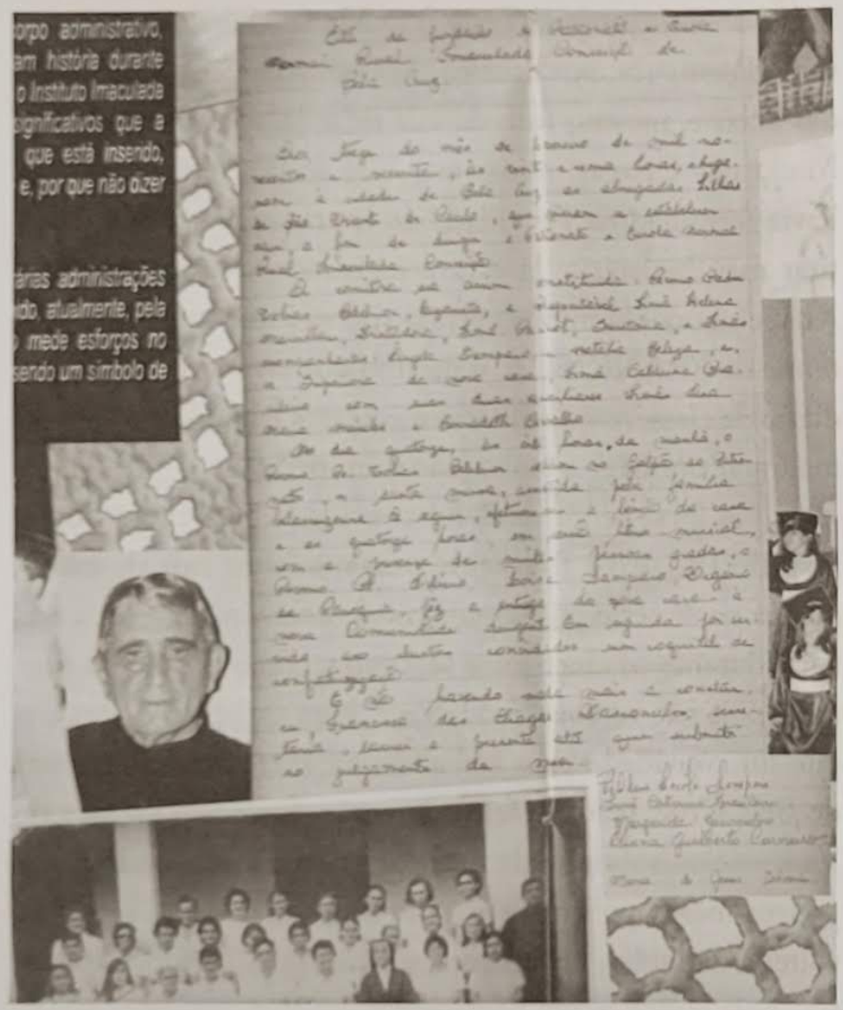
O CURSO GINASIAL

Na 1ª série ginasial, Irmã Ana Maria Meireles, professora de Português, por ocasião da chamada escolar, no início das aulas e, mesmo fora da sala de aula, só me tratava por Maria das Chagas, nome este que só descobri quando já havia terminado a Faculdade de Letras e, senti vontade de tirar meu batistério: lá estava registrado o nome de MARIA, embora em minha certidão de nascimento constasse o nome de FRANCISCA, o mesmo que estava registrado no diário de classe, o que me leva a crer que Irmã Ana Maria ao me tratar por Maria tenha sido iluminada.

Na 2ª série ginasial, fui convidada pela então Superiora do IIC, Irmã Brasileiro, para ministrar aula de matemática na 4ª série primária. Aceitei o convite e passei a dar aulas durante os cinco anos seguintes, como voluntária forçada, pois não recebia "pro labore", com exceção do ano, em que fui convidada para trabalhar na Prefeitura Municipal de Bela Cruz, pelo Prefeito, de então, Expedito Derocy de Vasconcelos, sobrinho de meu pai, trabalho que executei por poucos meses, pois não era a minha seara. No ano seguinte, voltei a dar aulas, novamente, no Instituto, como "voluntária", pois nunca recebi pagamento.

Em 1963, a minha turma concluiu o Curso Ginasial. Como primeira da turma, eu tinha a primazia de ser a ora-

dora, mas esse direito me foi negado, o que até hoje eu não entendo, pois quando o Colégio precisava de uma saudação ou discurso era eu quem os fazia. Essa atitude tomada pelo Instituto decepcionou-me e me amargurou tanto que, ainda hoje, não consigo esquecê-la.



O término do curso ginasial foi para mim e para as demais concludentes um momento de graça e de muita fe-

Excursão da primeira turma do ginásio, em 1963, à Região do Cariri – Colégio Santa Tereza do Crato: Mons. Odécio, vigário de Bela Cruz. Irmã Brasileiro (Superiora); Irmãs Maria Luiza e Tereza Goes.

licidade, de agradecimento e de grandes expectativas, pois o estimado e querido Vigário Padre Odécio Loiola Sampaio, que ministrava aulas de Latim e de Religião para a turma, planejara, juntamente com Irmã Brasileiro, uma excursão da turma à Região do Cariri, cidades do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, quando tivemos a oportunidade ímpar de conhecer a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte dirigida pela Professora Amália.

A excursão foi muito proveitosa, transformando-se em verdadeira fonte de cultura para nós, concludentes.

Nossos professores do Ginásio eram, entre outros: o Vigário Padre Odécio Loiola Sampaio (Latim e Religião); Irmã Brasileiro (Economia Doméstica); Maria do Perpétuo

Socorro Carvalho, belacruzense, na 1ª série (em 1961, deixou a cidade natal para seguir sua vocação religiosa, Irmã Angelina de Assis Paiva); João Venceslau Araújo (Sr. Joca) autodidata e professor de Música; Irmã Maria Luíza Almeida e Irmã Maria José, atualmente Irmã Noemi (Culinária).

Visita à estátua do Pe. Cícero, em Juazeiro do Norte.

Término do curso ginasial, em dezembro de 1963 – Francisca.

O CURSO NORMAL

Em 1964 iniciei, juntamente com a turma, o curso Normal Pedagógico. Éramos em número de dez: Ana Maria, Ana Rita, Francisca, Margarida, Maria Alice, Maria de Jesus Maranhão, Maria Stela Pinto, Maria de Lourdes Araújo, Maria Nazaré Silveira e Terezinha Magalhães Rocha. Ainda continuei ministrando aulas no Instituto.

Mesmo como aluna, e auxiliando como professora no Instituto, a participação na Igreja Matriz, como integrante do coral, não era descuidada: participava de todas as atividades da Igreja local e, ainda, acompanhava o Vigário na assistência religiosa às Capelas, em número de oito.

Em Sobral, fiz o Curso intitulado "Mundo Melhor" que proporcionava conteúdo e orientação sobre como deve proceder o cristão no seu tempo. Estes conhecimentos eram vivenciados e transmitidos aos fiéis das Capelas que visitávamos aos domingos.

O grupo era formado por Irmã Maria Luíza de Almeida, Gabriel Assis Araújo Vasconcelos, Vicente de Matos e eu, Francisca.

Algum tempo depois desta prática usual, em Acaraú, tivemos um curso de atualização com duração de uma semana.

A visita às Capelas, aos domingos, constava de reunião da comunidade local, na Capela; leitura do evange-

lho do dia para os presentes e explicação do significado do mesmo.

Quando acompanhava o Vigário às Capelas, a visita geralmente era mais demorada (uns três dias), e as ações mais abrangentes: ministrava aulas de catecismo, fazia o exame da criançada referente aos conhecimentos exigidos para a 1ª Eucaristia e auxiliava o Vigário nas leituras e cantos religiosos.

Em 26 de janeiro de 1965, aconteceu uma grande tragédia em minha família: Antônio Ribeiro, o caçula da família, adolescente de 16 anos, detentor de uma grande inteligência, muito querido dos colegas, professores, amigos e de todos da família, subiu com o amigo Itamar Araújo em uma mangueira, na Praça da Matriz, Rua Professor Nicácio, em frente à residência do Sr. Joca, e despencou lá de cima, juntamente com o galho, o que provocou, mediante o impacto, a ruptura do baço, causando hemorragia interna. O acidente ocorreu às 15 horas do dia 26, e o falecimento deu-se às 20 horas do mesmo dia, deixando toda a família desolada e a cidade de Bela Cruz consternada. O acidente foi muito grave: com o médico à sua cabeceira, este não pôde evitar o óbito, uma vez que se fazia necessária uma cirurgia de emergência e esta não poderia ser realizada na terra natal, e o deslocamento para Fortaleza, à época, não era possível: estávamos no inverno e não havia estradas/comunicação com os grandes centros.

Nesse mesmo ano de 1965, a cidade de Bela Cruz comemorou o Jubileu de Prata de vida religiosa de Irmã Brasileiro. O hino comemorativo que ecoou em toda a cidade foi composto (letra) por mim, Francisca, e a música de João Venceslau de Araújo (Sr. Joca).

Hino à Irmã Brasileiro – Jubileu de Prata
31/5/1965
Letra: Francisca das Chagas Vasconcelos
Musica: João Venceslau de Araújo

Prazenteira a natura reveste
Em roupagem de gala a cantar
A cidade que hoje oferece
A *Ma-Mère* seu nobre saudar

Estribilho

Salve! Forte brado que ecoa!
Em crescente expansão de vitória
Deste povo que alegre entoa
Saudação vibrante e notória
Num aclamar que ao longe reboa
Irmã Brasileiro, campeã da Glória!

Bem contentes aqui reunidos
Em roupagem singela e grata
Comemorando anos bem vividos
Da *Ma-Mère* o Jubileu de Prata

Mais um ano que hoje decorre
No apostolado da fé e d'amor
Em trabalho divino transcorre
Sua vida de fúlgido esplendor.

Em 1966, como aluna do Instituto e como belacruzense, vivenciei fortes emoções: em 30 de novembro foram comemorados o Jubileu de Prata de criação da Paróquia e o de Sacerdócio do Vigário Padre Odécio Loiola Sampaio, primeiro e único vigário, até então, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz. Participei, ativamente, das comemorações: O hino jubilar é de minha autoria e música de Padre Francisco Sadoc Araújo.

Ei-lo:

Hino Jubilar
30/11/1966
Letra: Francisca das Chagas de Vasconcelos
Música: Pe. Francisco Sadoc Araújo

Bela Cruz, tu te aprestas, bem ufana,
Para feitos notáveis divulgar,
E teu povo ditoso se engalana
Para as Bodas de Prata festejar.

ESTRIBILHO

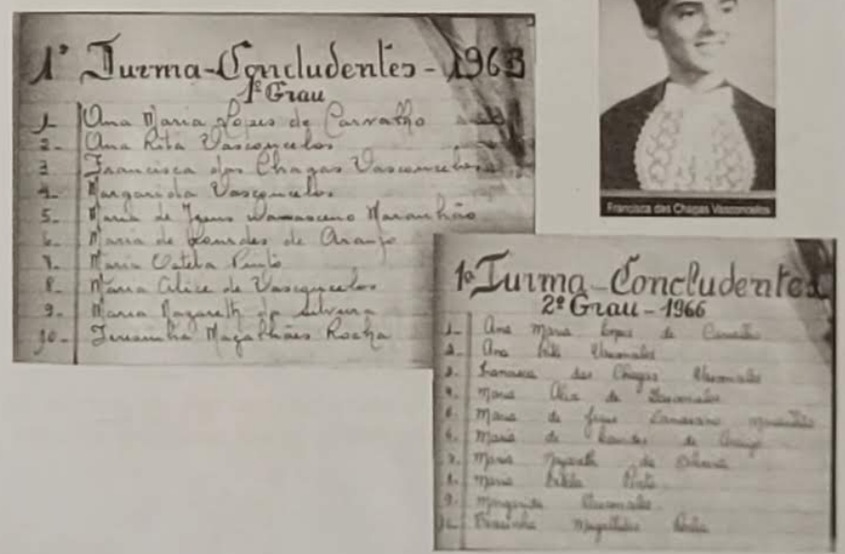
Reunidos, cantamos sem cessar
Este hino perene de louvor
Da paróquia nós vamos celebrar
Cinco lustros de paz e de amor
E também do Ministro do Altar
Suas Bodas de Prata proclamar.

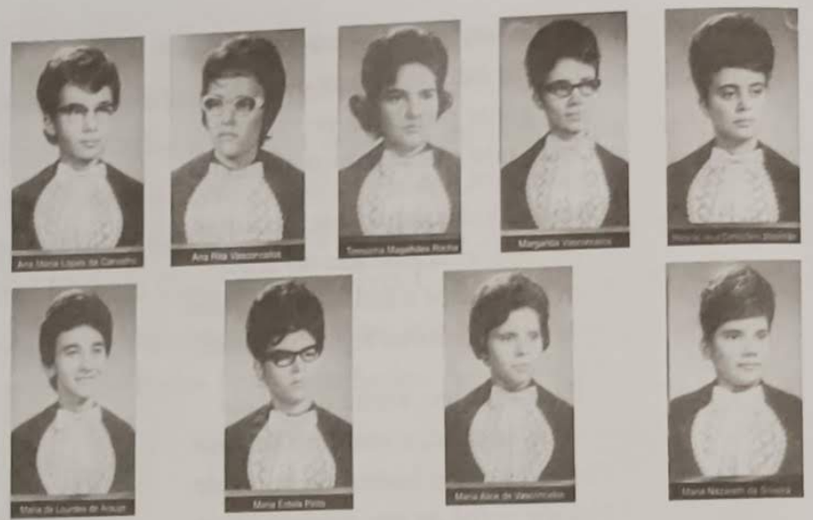
Bela Cruz, tu nasceste venturosa
Para as lides sublimes do altar
Tua gente proclama-se vaidosa
Deste fato que ousamos afirmar.

Duplas Bodas, aqui hoje, decantas
De uma vida pautada no amor
Com teus feitos a todos tu encantas
Pois se fundam na fé do Salvador.

Pastor amigo, aceita da cidade
Tu que és, aqui, a voz do Redentor
Por estes cinco lustros de bondade
Nossos votos de paz e nosso amor.

Em 10 de dezembro de 1966, alguns dias depois, novas emoções embalaram a cidade e, sobretudo, o Instituto Imaculada Conceição. Era a colação de grau das alunas do 3º


1ª Turma-Concludentes - 1963
1º Grau
1- Ana Maria Lopes de Carvalho
2- Ana Rita Vasconcelos
3- Francisca das Chagas Vasconcelos
4- Margarida Vasconcelos
5- Maria de Jesus Damasceno Maranhão
6- Maria de Lourdes de Araújo
7- Maria Odete Pinto
8- Maria Alice de Vasconcelos
9- Maria Raquel de Oliveira
10- Terezinha Magalhães Rocha
Francisca das Chagas Vasconcelos
1ª Turma-Concludentes
2º Grau - 1966



Ano do Curso Normal Pedagógico – 1ª turma, a concluir o Normal na cidade de Bela Cruz, turma da qual eu fazia parte.

Monsenhor Odécio e Irmã Brasileiro, juntamente com seis integrantes da 1ª turma, concludentes do Normal, em Bela Cruz, em dezembro de 1966. Fotografia de 1969.

Como primeira aluna da turma, durante os cursos Ginasial e Normal fui a oradora na solenidade de colação de grau.

Como integrante do Coral da Igreja Matriz, passei umas férias em Fortaleza, tendo aulas de piano no Colégio da Imaculada Conceição. Havia estudado música no Instituto, em Bela Cruz. Voltando à terra natal, as aulas de piano foram adaptadas ao harmônio na Igreja Matriz. Harmônio é um instrumento musical de linguetas metálicas e fole (como acordeão). Durante algum tempo, com a saída do Sr. João Venceslau de Araújo (Sr. Joca), eu assumi o acompanhamento dos cantos religiosos na Igreja Matriz.

Após tantas alegrias e emoções vivenciadas no ano de 1966, passei o ano seguinte, 1967, tranquila, lecionando no Instituto, mas de maneira diferente, como profissional, pois Irmã Brasileiro conseguira contratos pelo PNE – Plano Nacional de Educação, para quatro professoras: Francisca das Chagas Vasconcelos, Margarida Vasconcelos, Maria Nazaré Silveira e Terezinha Magalhães Rocha.

O ano de 1967, apesar do trabalho exaustivo, foi também um período de muita expectativa. Diante da decepção provocada pela direção do Instituto para o qual tanto colaborei, decidi tentar o Vestibular, em Fortaleza, acreditando nos conhecimentos acumulados e na Onipotência Suprema. Não fiz cursinho para me preparar para tal e, naquela época, integrava à avaliação a contagem de pontos negativos.

Em 29/12/1967, inscrevi-me na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC, cuja primeira

prova, Português, foi em quatro de janeiro de 1968. Passei em todas as provas; fui aprovada e matriculada na Faculdade de Letras para especialização em Português e Francês.

Fiquei hospedada, durante o vestibular e os três primeiros meses de Faculdade, na residência de grandes amigos que já haviam me hospedado, em outras ocasiões, quando participei de outros cursos (um, com duração de quarenta dias): José Maurício Vasconcelos, meu conterrâneo e filho de José Júlio de Vasconcelos, primo legítimo de meu pai e Aldeni Sampaio de Vasconcelos a quem sou eternamente grata. Residiam, à época e até hoje, no bairro Montese. Pela distância e pelas despesas que o deslocamento provocava, consegui uma vaga na Residência Universitária, na Rua Carapinima, recém-aberta, com as mínimas condições, mas próxima à Faculdade de Letras e ao Restaurante Universitário, evitando despesas e economizando tempo com o deslocamento.

Fiz boas amizades. No inicio de 1969, fui transferida da Residência Universitária – RU, da Carapinima para a Residência Universitária Júlia Pinto na Rua Manuelito Moreira, 25, bem mais confortável, com maior número de universitárias.

A mudança de endereço trouxe-me mais condições e, consequentemente, deu-me mais firmeza.

O contrato com o PNE foi transferido para Fortaleza, tendo sido lotada no Dispensário dos Pobres, dirigido pelas Filhas da Caridade, bairro Benfica, na Escola Sagrado Coração.

A minha vida passou a melhorar: morava, estudava e trabalhava (lecionava à noite) tudo próximo, no mesmo bairro, Benfica, sem necessidade de pegar transporte, desse modo, economizando tempo e dinheiro.

Fui escolhida, através do voto das universitárias residentes, para o cargo de diretora da Residência Universitária Júlia Pinto, nome este, em homenagem à senhora que doara a casa para os estudantes do interior e mãe do proprietário da concessionária de carros CIMAIPINTO. Mesmo sem ter-me candidatado ao cargo de diretora, fui eleita por três anos e, como tal, recebia uma bolsa da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis para o Restaurante Universitário: as refeições diárias, almoço e jantar, com exceção dos domingos, eram feitas às expensas dessa bolsa.

Como diretora da Residência Universitária – RU, tinha os meus compromissos: administrar a Casa que tinha funcionários da Universidade tais como: uma responsável pela cozinha que preparava o café da manhã, diariamente, para as residentes e o almoço aos domingos. Essa senhora era baiana e morava conosco, muito estimada e querida por todas nós: Florzinha; outra, a faxineira Dona Hilda, que diariamente ia fazer os trabalhos de limpeza/higiene; e também dois vigias, à noite, que se alternavam nos trabalhos de vigilância. Todos esses funcionários eram pagos pela Universidade Federal, sem nenhum ônus para nós, universitárias/residentes. A participação nas reuniões mensais com o Pró-Reitor se fazia necessária e sempre compareci a elas.

A casa era muito grande, espaçosa e de dois andares. Hospedava trinta universitárias não só do Ceará, mas dos Estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Maranhão, de maneira confortável. A dormida era em beliches. No andar térreo, existia a biblioteca e, no 1º andar, uma área imensa coberta, servindo a quem quisesse e necessitasse estudar toda a noite, sem incomodar às demais. A biblioteca era mais utilizada durante o dia. Às vezes, ficava um grupo de 5, 8, 10 ou mais, estudando durante a noite toda. Eu fiquei muitas vezes, pois as provas da disciplina Estilística exigiam muito estudo e concentração, bem como as de Francês. Muitas vezes, era chamada de alma generosa, principalmente, na RU da Carapinima, pois quando chegavam de Bela Cruz novidades como bolos, doces etc., que minha mãe mandava, eu os distribuía com todas.

Com todo este aparato para nós, universitários, ainda existiam aqueles que se envolviam com o movimento estudantil para reclamar. Rosa da Fonseca: esta era batalhadora. Um dia, pela manhã, quando estava me preparando para ir à Faculdade fazer uma prova de Francês fui surpreendida pela Policia Federal dentro de casa, à procura da Rosa. Falei: "Fiquem à vontade. Rosa passa de 2 a 3 meses sem frequentar a Residência, fato esse que já levei ao conhecimento da Pró-Reitoria. Mas esta noite ela veio dormir aqui". Rosa mais ligeira que os policiais, fugiu, saltando o muro da Cimaipinto, dessa vez escapando de ser presa.

A Residência Universitária além de grande área construída ainda dispunha de um vasto quintal/pomar onde

havia muitas fruteiras: bananeiras, mangueiras, cajueiros e, sobretudo pés de sapotis. À época da produção de sapoti, quando o fruto já se encontrava no ponto de ser colhido, eu chamava um funcionário da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, e este vinha colher os sapotis, enchendo dois ou três sacos. Passados dois ou três dias, dividia-os, equitativamente, entre todas as residentes universitárias: era uma festa.

Lembro-me de um fato que me marcou muito a vida universitária: estava no Restaurante Universitário, às 18horas mais ou menos, de um dia do mês de abril de 1970, quando todos foram surpreendidos pela Policia Federal que estava à procura dos líderes do movimento estudantil do Ceará (Genuíno e outros mais). Fiquei tão apavorada que fui parar na cozinha do restaurante, sem nem mesmo saber como chegara lá. Dona Hilda, que me conhecia da Residência Universitária, deu-me cobertura, e, passado o sufoco, orientou-me na saída do Restaurante.

O que foi de melhor foram as excelentes amizades que fiz nas Faculdades de Letras e Pedagogia, como na Residência. Destaco nos cursos de Letras e Pedagogia: Iva Nova, Djenane, Maria de Lourdes Dias Branco, Iracema, Damasceno, Rildo Lemos, Nádia Ribeiro, Raquel entre outros. Na Residência Universitária: Sebastiana, Irene e Zélia (piauienses) Luzinete e Gláucia (irmãs) Francisca Morais (Chaguinha), Penha, Joana d'Arc e Eunice Almeida.

No último semestre do curso de Letras, em 1971, surgiu a oportunidade de seleção para a monitoria da Faculdade de Letras, à qual só podiam concorrer os alunos

do último semestre, detentores de boas notas. Participei da seleção, fui classificada e passei a ser monitora do Professor Plínio.

Em dezembro de 1971, colei grau pela Faculdade de Letras da UFC. A solenidade ocorreu no auditório da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, reunindo todos os concludentes de todos os cursos Universitários da UFC, quando nos foi outorgado o título de licenciatura plena/ bacharelato.

No 1º semestre de 1972, fui contratada pela Universidade Federal do Ceará/Reitoria como Professora de Comunicação do 1º Ciclo da citada Universidade, onde ministrei aulas para três turmas. No entanto, só exerci a profissão de professor durante o primeiro semestre. De livre e espontânea vontade, deixei a Universidade. O grupo de Professores era Coordenado pelo Professor Marcondes Rosa que insistiu para que eu permanecesse ministrando as aulas, porquanto, segundo ele, o meu desempenho junto às três turmas era ótimo. Entretanto, fui franca e lhe disse que não tinha pretensões de continuar. Ficaria somente até o dia 5 de julho quando terminou o primeiro semestre letivo.

Ao mesmo tempo em que dava aulas na UFC, período da manhã, exercia a função de Professor de Comunicação e Expressão no Complexo Escolar Antonieta Siqueira, colégio estadual, para onde fui transferida "ex-officio" do Dispensário dos Pobres – Escola Sagrado Coração.

Sobre a minha renúncia junto à UFC, não falei nada para ninguém, mas no mesmo dia, ao chegar ao Colégio Es-

tadual Antonieta Siqueira, a Diretora do mesmo, Professora Leônia, comunicou-me que o Professor Oscar Rodrigues, Diretor do Departamento de Ensino de 2º grau da Secreta-

Baile de Formatura – Faculdade de Letras da UFC – dezembro de 1971. Francisca e Coutinho (amigo).

ria de Educação do Estado queria falar comigo. Fiquei bastante admirada e retruquei: "O Professor Oscar quer falar comigo? Ele nem me conhece". Ela insistiu. "Ele sabe até o seu nome completo, vá, é coisa boa pra você". Então me lembrei de que, em janeiro de 1971, houvera, na Faculdade de Direito da UFC, um Congresso para os professores dos Estados: Ceará, Piauí, e Maranhão. Na abertura do Congresso, quando as autoridades deixaram o local dos discursos, havia na 2ª fila do auditório, onde eu estava sentada, uma cadeira vazia, ao meu lado, e ele, Professor Oscar, ocupou esse lugar e conversamos muito: daí o conhecimento.

No dia seguinte à informação fornecida pela professora Leônia, pela manhã, como não tinha mais aulas na UFC, fui à Secretaria de Educação, na Rua Tenente Benévolo, 1055, Aldeota.

Em lá chegando, dirigi-me ao Departamento do qual Prof. Oscar era Diretor: apresentei-me, e ele pediu que me sentasse. E começou o seguinte interrogatório: "Francisca, você participou do movimento estudantil?" Era o período da ditadura militar, e os estudantes universitários, na sua maioria, viviam em greves, passeata etc. Olhei para o Professor Oscar e lhe disse: "Eu não acredito que você tenha pedido que eu viesse aqui, só pra me fazer essa pergunta". Ele fez um ar de riso e disse: "Não. Claro que não". E continuou: "Mas por que, mesmo, você não participou?" Respondi: "Porque lá na minha cidade, meu pai pagava os impostos e, para que nós estudássemos, pagava também o Colégio; aqui, ele continua lá pagando os impostos, e eu tenho Uni-

versidade gratuita para estudar e a Residência Universitária de graça. Então o que quero mais? Depois se me envolvesse em movimento estudantil e fosse presa, ia morrer na prisão, pois ninguém me conhecia pra me ajudar a sair de lá". Ele então falou: "Sabe o que é Francisca, é porque o Cel. Paulo Ayrton, o Secretário de Educação, está precisando de uma pessoa para assumir a correspondência dele como Secretário, que se encontra muito assoberbado e me pediu que eu arranjasse uma pessoa para essa função. Então, eu me lembrei de você que se expressa muito bem e já é professora do Estado. Vamos ao Gabinete falar com ele?". Em lá chegando, Prof. Oscar me apresentou ao Senhor Secretário, e este me pediu que respondesse a um ofício.

Eu ministrava aos alunos do 1º ciclo da UFC aulas de redação oficial entre outros temas, mas uma coisa é trabalhar, hipoteticamente, e outra é a realidade, principalmente, sob o impacto da ocasião.

Respondi ao ofício, não sei bem o que coloquei, nem como coloquei. A emoção do momento, às vezes, bloqueia um pouco os conhecimentos, prejudicando assim o desempenho. Ao terminar, entreguei o trabalho ao senhor Secretário, que o leu e, se voltando para mim, disse: "A senhora pode começar amanhã?" Respondi: "Posso sim". E, a partir do dia seguinte, 7 de julho de 1972, passei a trabalhar um expediente no Gabinete do Secretário de Educação, no período da manhã, e, à tarde, dava aulas no Colégio Antonieta Siqueira.

E A CAMINHADA CONTINUA...

Todos os funcionários do Gabinete dispunham de carro e motorista para apanhá-los em suas residências e os deixar de volta.

Trabalhava com afinco e dedicação, não conversava com ninguém para não perder tempo e a produção ser compensadora, mas com a aproximação da realização do Encontro Nacional de Secretários de Educação, em Fortaleza, no mês de janeiro de 1973, o volume de informações que preparava para a Imprensa e os ofícios que eram expedidos para todos os Secretários de Educação do país determinaram que eu me dedicasse ao Gabinete, o dia todo, tendo, pois, de deixar a sala de aula e me devotar, totalmente, às novas funções.

Com o decorrer do tempo, observei que meu desempenho, positivo, estava incomodando aos demais funcionários do Gabinete, pois tudo o que acontecia de errado, diziam: "Foi a Francis que fez" (Francis era como eu era tratada pelos colegas, abreviação de Francisca). Essa atitude cotidiana desagradava-me bastante, embora de muitas dessas coisas eu não tivesse nem tomado conhecimento por causa do excesso de trabalho. Tomei, pois, uma decisão. Em dezembro de 1972, falei com o Cel. Murilo Walderck Menezes de Serpa, então chefe de Gabinete, que eu iria permanecer no cargo somente até 31 de janeiro de 1973. Como o

Congresso Nacional de Secretários de Educação iria acontecer, nessa época, penúltima semana de janeiro, havia muito trabalho, e ninguém o faria tão bem quanto eu. Cel. Serpa perguntou-me o motivo de minha atitude, ao que respondi: "Porque tudo o que acontece de errado aqui, a responsável é a Francis, e se é desagradável para os senhores, para mim é muito mais ainda". Cel. Serpa respondeu: "Está bem, dona Francisca, na véspera do último dia anunciado, 31 de janeiro, a senhora me avise".

Janeiro de 1973 era um mês de fortes emoções. No dia 8 de janeiro seriam celebradas as Bodas de Ouro de Casamento de meus pais Gabriel e Theolina, em Bela Cruz. O Cel. Serpa me liberou por três dias e, ainda, me cedeu o fotógrafo do Gabinete, o Braguinha, para fotografar o evento, dando origem a um belo álbum de recordações para a família. Estive em Bela Cruz, participei, ativamente, dos preparativos da festa e de sua realização: confeitei o Bolo comemorativo da solenidade.

Voltei, em seguida, às minhas atividades e trabalhei normalmente até que, no dia 30 de janeiro de 1973, véspera do que seria o meu último dia de trabalho na SEDUC, Gabinete do Secretário, quando o Sr. Flávio, motorista, deixou-me em casa, falei que ele não precisava me apanhar no dia seguinte. Desse modo, no dia 31/1/1973, fui ao trabalho de táxi.

Quando cheguei à Secretaria de Educação, dirigi-me ao Chefe de Gabinete, Cel. Serpa, e falei: "Hoje é 31 de janeiro e, como o senhor pediu que o avisasse, estou aqui para o fazer". Cel. Serpa, então, me perguntou: "Dona Francisca

Gabriel recebe os cumprimentos do Vigário de Cruz, Padre Manoel Valderi Rocha.

por que a senhora não continua aqui"? "Pelos motivos que já levei ao seu conhecimento", respondi. Ele, então, retorquiu: "A senhora é uma pessoa responsável, uma profissional competente, e nós gostaríamos que a senhora permanecesse aqui. E, saindo daqui, vai pra onde?" Respondi: " Estou com problemas de moradia e se reabrir a minha matrícula no Curso de Pedagogia da UFC, cuja matrícula tranquei por uma exigência do meu trabalho aqui, terei direito de morar na Residência Universitária".

Theolina e Gabriel – genros e noras. Da esquerda para a direita: Gabriel Assis, Izabel, Gabriel, José de Paulo, Theolina, João Pontes, Luiz Gonzaga e Maria Geralda.

Da esquerda para a direita: Socorro, Gabriel, Theolina e José Maria.

O Cel. Serpa me perguntou ainda: "E à tarde, vai fazer o quê?" Respondi: "Assumirei minhas aulas no Complexo Escolar Antonieta Siqueira. E tem ainda um detalhe: minha mãe vem à Fortaleza para se operar e tenho que dar assistência a ela". Novamente o Cel. Serpa me perguntou: "Qual é o horário da Faculdade?" Falei-lhe: "Diariamente, de 7h15min às 11h30min". "E quantos dias a senhora precisa para dar assistência à senhora sua mãe?" Respondi: "Não sei ainda". Cel. Serpa continuou: "Por que não vem trabalhar aqui no Gabinete, à tarde?". Retorqui: "Eu já lhe comuniquei o motivo". Não convencido das minhas argumentações, ele disse: "Dona Francisca, venha trabalhar conosco à tarde, pois nós conhecemos o seu desempenho e estamos precisando muito do seu trabalho. A senhora tira os dias que precisar para dar assistência à senhora sua mãe e, logo que estiver tudo resolvido, retorna ao trabalho. Como vai ficar somente o expediente da tarde, nós retiraremos sua gratificação de Gabinete". Então, diante do exposto, aceitei.

Reabri minha matrícula no Curso de Pedagogia da UFC. Com o comprovante de matrícula, consegui vaga na Residência Universitária. Quando minha mãe Theolina veio para Fortaleza, acompanhada de Eunice, uma de suas filhas, consegui que elas ficassem na Residência Universitária. Era período de férias e havia uma suíte, no térreo, desocupada. Minha mãe operou-se no Hospital das Clínicas da UFC. Minha colega de Residência, Eunice Almeida, prima de irmã Maria Luíza Almeida, religiosa que trabalhara no Instituto em Bela Cruz, era funcionária do referido Hospital e conseguiu-lhe a cirurgia, a qual aconteceu em fevereiro, 1ª quinzena. O seu restabelecimento foi rápido, o que lhe proporcionou alta, possibilitando assim o seu retorno a Bela Cruz, no final de fevereiro. Desse modo, ao recomeçarem as aulas, no início de março, a Residência estava desocupada, não acarretando nenhum contratempo para as residentes. Sou profundamente grata ao então Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, Dr. José Neudson Bandeira Braga, que, como ser humano, foi bastante compreensivo, ao autorizar ali a permanência de minha mãe e irmã enquanto foi necessário.

Tenho muito respeito e gratidão ao Cel. Paulo Ayrton Araújo porque me deu a oportunidade de trabalhar na SEDUC. Ao Cel. Serpa, com quem convivi, por mais tempo, substituto do Cel. Paulo Ayrton, que, na sua simplicidade, deixou o Cargo de Secretário de Educação do Estado para reassumir as funções de Professor do Colégio Militar. A ele o meu reconhecimento.

Após esses acontecimentos, houve uma reviravolta em minha vida, felizmente para melhor: entrava no Gabinete, para trabalhar, às 12 horas e não tinha hora para sair, como os demais funcionários. O meu trabalho passou a ser valorizado e, consequentemente, fui mais respeitada, não tendo mais que ouvir o bordão de sempre, quando algo acontecia de errado: "Foi a Francis que fez".

Em 1974, a SUDENE enviou ofício ao Senhor Secretário de Educação do Estado do Ceará comunicando a realização, em Recife, de um Curso de Planejamento Opera-

Colegas do Curso de Planejamento da SUDENE, em Recife-PE – 1974.

tivo, em nível de Especialização, no 2º semestre, para técnicos, funcionários públicos da Região NORDESTE, e ficou acertado que viria um técnico de seus quadros para fazer a seleção; esta através de uma entrevista. O curso se destinava aos profissionais formados em: Economia, Direito, Administração e Ciências Contábeis. Fui indicada para participar da seleção, mesmo não tendo nenhuma das formaturas indi-

cadas. Da SEDUC, dos que participaram da seleção, somente Francisca das Chagas Vasconcelos foi selecionada.

No início do mês de setembro de 1974 tive que trancar, novamente, a matrícula no Curso de Pedagogia da UFC e fui para Recife participar do curso em nível de Especialização que se iniciou nos primeiros dias de setembro com término na 3ª semana de dezembro.

Éramos quarenta e oito participantes de todo o NORDESTE, inclusive funcionários da própria SUDENE. Estudei bastante durante os quatro meses de duração do curso. Eram matérias que me abriram novos horizontes, ministradas por professores renomados. A cada módulo que concluíamos com uma prova, alguns da turma, inclusive eu, dirigiam-se à cidade de Olinda para comemoração.[1]

[1] Em uma dessas comemorações em Olinda, tive a felicidade de conhecer Dom Hélder Câmara. "Para mim, foi um grande momento".

O Curso, com uma carga horária de 383 horas, terminou na terceira semana de dezembro de 1974. Dos quarenta e oito participantes, fui classificada em 2º lugar, para a minha alegria. A SUDENE encaminhou Ofício ao Senhor Secretário de Educação, Cel. Serpa, comunicando-lhe o encerramento do Curso, as minhas notas, a classificação e solicitando que me concedesse quinze dias de recesso, pois o Curso havia sido exaustivo, requerendo muito esforço dos participantes.

Quando retornei a Fortaleza, apresentei-me ao Senhor Secretário. Não me foi concedido o recesso, pois, como era final de ano, o Gabinete tinha muitos compromissos, e a minha colaboração se fazia necessária.

O Curso exigia que o participante, ao regressar ao Órgão de origem, fosse integrado à equipe de Planejamento.

O governador do Estado, à época, era o Cel. César Cals. Encontrava-se ele no final do mandato que se estenderia até 15 de março de 1975, quando o governador eleito, Cel. Adauto Bezerra, tomaria posse.

Diante da documentação enviada pela SUDENE, referente ao meu desempenho no Curso e as exigências do mesmo para aqueles que o fizeram, o Secretário de Educação do Estado, Cel. Murilo Walderck Menezes de Serpa, disse para mim: "Dona Francisca, o Cel. Adauto tomará posse em 15 de março de 1975, e eu serei reconduzido ao cargo de Secretário. A partir de 1º de abril, a senhora integrará a equipe da Assessoria de Planejamento e Coordenação – APC; até lá continue aqui no gabinete, prestando os seus serviços".

Continuei no desempenho de minhas funções, interrompidas por quatro meses.

Reabri a minha matrícula no Curso de Pedagogia da UFC, terminando-o no mesmo ano, colando grau em 22/12/1975.

O Curso de Planejamento da SUDENE abriu-me novos horizontes e me mostrou que eu não tinha nada a ver com a profissão de magistério.

Desse modo, conforme me havia prometido o Senhor Secretário, em primeiro de abril de 1975, passei a integrar a equipe da Assessoraria de Planejamento e Coordenação – APC, o que acarretou muita celeuma entre os veteranos da equipe que, mesmo sem conhecer a minha potencialidade, ofereceram-me como votos de boas-vindas a sua hostilidade.

A minha indicação não fora política, mas técnica: o que determinou o meu acesso à APC foi o meu excelente desempenho no Curso de Planejamento, e a finalidade a que se propunha era preparar técnicos para os órgãos de planejamento dos Estados do NORDESTE.

Assim, fui testada na APC de todas as maneiras: o responsável pela elaboração, execução e acompanhamento do Orçamento da SEDUC, na 1ª reunião da APC, com a minha presença, disse: "A Francisca fica com a responsabilidade do Orçamento, pois não quero mais essa atribuição". Um colega da APC, formado em economia, competente, mas que nunca tivera voz nem vez, disse: "Francisca, nós vamos trabalhar juntos". E assim, as coisas começaram a se encaixar.

A APC era dividida em três equipes: Planejamento e Orçamento (elaboração, execução e acompanhamento); Recursos Humanos; e Acompanhamento e Avaliação dos Projetos.

Certo dia, estava eu bastante envolvida com o orçamento da SEDUC, juntamente com o colega que generosamente prontificara-se para trabalharmos juntos, quando uma integrante da Equipe de Recursos Humanos dirigiu-se a mim, nos seguintes termos: "Francisca, estamos elaborando um projeto de Capacitação de Professores Leigos. Você poderia elaborar a justificativa?" Respondi-lhe: "Quando o projeto estiver pronto, você me traz, e eu tomarei conhecimento dos objetivos e metas, custos e metodologia e farei a justificativa; enquanto isso, continuarei trabalhando no Orçamento".

Quando me foi entregue o material do Projeto, ou melhor dizendo o próprio Projeto, li o seu conteúdo e preparei-lhe a justificativa. Terminada a "missão" devolvi à colega, que me fizera a solicitação, todo o material. Ela o recebeu, começou a ler e, não se contendo diante do que tinha em suas mãos, surpresa, falou bem alto para todos ouvirem: "Pois não é que ela sabe mesmo?" Eu jamais imaginara que a solicitação era, apenas, um pretexto para colocar meus conhecimentos e capacidade à prova. Mas, como sou uma pessoa privilegiada, relevei a situação e suportei o desabafo de outra colega, logo que cheguei à APC: "Agora é uma questão de sobrevivência", como se eu estivesse ali por indicação política, ocupando ou ameaçando a segurança empregatícia de todos.

A minha realidade era outra: compromisso e competência.

Tudo o que consegui na vida, em primeiro lugar, devo e agradeço à Divina Providência; em segundo lugar, aos meus queridos e inesquecíveis pais que souberam me educar e, por último, à minha perseverança e persistência, bem como à compreensão e generosidade de pessoas com quem tive a felicidade de conviver.

Aos poucos, foram-se acalmando os ânimos na APC, uma vez que o meu desempenho foi emudecendo os inconformados e amenizando a maldade daqueles que incorreram no erro de pensar que eu estava ali por indicação política.

Terminado o Curso de Pedagogia, submeti-me à seleção na Universidade Estadual do Ceará – UECE, seleção destinada aos formados que desejassem cursar Administração Pública e que fossem Servidores Públicos. Fui classificada e iniciei a Faculdade de Administração em março de 1976. Foi muito difícil, não o curso em si, mas conciliar trabalho com estudo para uma pessoa como eu, responsável, principalmente quando o tempo/horário, às vezes, coincidiam. Vejam: cursava disciplina pela manhã, de 7h15 às 8h10min, diariamente; quando ia para a SEDUC, trabalhava o dia todo e, à noite, frequentava a Faculdade, atendendo à oferta de disciplinas, feita pela UECE. Foi um período laborioso, pois os "meus queridos colegas de APC", quando surgia uma atividade que dependesse de viagem, a Francisca era indicada, como no caso da prestação de assessoramento educacional às Escolas dos Perímetros Irrigados, cuja comissão era constituída por um técnico da SUDENE, em Recife, um técnico da APC/SEDUC, um

profissional da Divisão de Supervisão e um da Divisão de Currículo da SEDUC.

Equipe de trabalho da APC/SEDUC – 1976.

O trabalho consistia em reuniões de preparação quando o técnico da SUDENE chegava, em Fortaleza, e, depois, o deslocamento até Morada Nova/Perímetro Irrigado. Em Morada Nova, nas instalações do DNOCS, no Perímetro Irrigado, passávamos três a quatro dias em reunião com os professores. Antes da vinda do Técnico da SUDENE, havia o contato com o Departamento responsável, no DNOCS, na Av. Heráclito Graça. O DNOCS colocava à disposição da equipe um carro grande que comportava quatro a cinco pessoas e mais o motorista. O trabalho foi desenvolvido por um certo período, entre dois a três anos e obteve excelentes resultados, a ponto de o DNOCS solicitar à SEDUC a minha disposição, o que nunca foi concedido.

Viagem a Bela Cruz, em 1977, durante o inverno, com o fim de escolher o terreno para a construção da Escola Marita Santos. Travessia sobre o Rio Acaraú.

Com a criação do POLONORDESTE, em 1978 fui deslocada da APC – Assessoria de Planejamento e Coordenação, para assumir a coordenação das ações educativas da Região do Maciço do Baturité formado pelos municípios: Baturité, Redenção, Aracoiaba, Capistrano, Itapiúna, ao pé da serra, e Pacoti, Mulungu, Guaramiranga, Palmácia e Aratuba, no alto da serra.

O POLONORDESTE, posteriormente, PRORURAL financiado com recursos do BANCO MUNDIAL e BIRD – Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento, por meio de empréstimo internacional feito pelo Brasil, com a interveniência do Ministério da Educação e Cultura / MEC, funcionava na Rua Barão de Aracati com Tenente Benévolo, onde era sediada a Secretaria de Educação do Estado.

Esta minha indicação para a Coordenadoria do POLONORDESTE – Região de Baturité, acredito eu, tenha sido motivada pela intolerância de "meus colegas da APC" que não aceitavam a minha desenvoltura, inteligência e dedicação ao trabalho. Afastaram-me da APC e passei a trabalhar no local supramencionado, situado a dois quarteirões da sede da SEDUC.

O trabalho no POLONORDESTE, depois PRORURAL, como coordenadora da Região do Maciço de Baturité, foi muito gratificante. Todos os meses, a equipe sob a minha coordenação passava uma semana na Região, trabalhando com os representantes dos Órgãos Municipais de Educação. Adotamos uma metodologia de trabalho que proporcionasse

a todos os municípios igualdade de condições e que os beneficiasse de acordo com suas carências educacionais.

A cada mês, o encontro era sediado em um município da Região.

O clima nos municípios ao pé da serra de Baturité era bastante quente, mas sempre que podíamos, nos deslocávamos para pernoitar em município no topo da serra, onde o clima era agradabilíssimo e nos repunha as energias consumidas durante todo o dia.

Em 1980, assumiu como Secretário de Educação o Professor Universitário Antônio Albuquerque de Souza Filho, professor da UFC.

Certo dia, o Secretário fez uma reunião com os coordenadores das diversas regiões do Ceará, beneficiadas com ações educacionais próprias do POLONORDESTE, na própria sede do Projeto, Rua Barão de Aracati, 640.

Nesse dia, tive a oportunidade de expor a minha insatisfação ocasionada pelo meu afastamento da APC e falei: "Senhor Secretário, ou a SEDUC autoriza, via Governo do Estado, a minha disposição para o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas / DNOCS, ou eu vou para a APC/ SEDUC, de onde fui expurgada, ou eu entro de férias pelo tempo que tenho direito, pois disponho de alguns períodos vencidos. Não quero mais trabalhar viajando". O Senhor Secretário me ouviu, atentamente e não me deu resposta. Mas, na mesma semana, retornei à APC, por autorização do Titular da Pasta, integrando a equipe de Planejamento e Administração da Educação Rural.

Esta equipe era formada por: Norma Maria Sá Gadelha, Margarida Esteves Maia, Francisco Celedônio (agrônomo) e eu Francisca das Chagas Vasconcelos.

O acordo celebrado com o Banco Mundial trouxe para a SEDUC/APC especialistas na área de educação rural tais como: Rolando Pinto Contreras (chileno) e o argentino Manoel Argumedo que integravam a nossa equipe. Esses Técnicos trabalharam como integrantes da equipe enquanto durou o acordo com o Banco Mundial / Brasil / MEC / SEDUC.

Participei de um Curso de Planejamento da Educação, promovido pela Secretaria Geral do Ministério da Educação e UNESCO. Esse Curso foi ministrado por especialistas brasileiros e estrangeiros e se intitulava "II Curso de Planejamento e Administração da Educação para o Desenvolvimento Integrado das Áreas Rurais", com duração de 200h/a, no período de 29 de agosto a 30 de setembro de 1977, em Garanhuns / PE.

De volta às atividades de planejamento educacional na APC/SEDUC, dei prosseguimento à execução do cronograma do Órgão.

Matriculada na Faculdade de Administração da Universidade Estadual do Ceará, em março de 1976, após aprovação em seleção para os graduados, servidores públicos, colei grau em 22 de dezembro de 1980, como Bacharel em Administração.

Em Janeiro de 1982, inscrevi-me para o Concurso Público, cargo Técnico de Administração, terminologia da

época, hoje administrador, para a Superintendência de Desenvolvimento do Ceará/SUDEC, concorrendo a uma das três vagas. Fiz a prova no dia 14 de março de 1982 e, como fui classificada, em 29 de março do mesmo ano, fui sabatinada por uma Comissão Examinadora que tinha o propósito de eliminar qualquer candidato que não integrasse a lista indicada pelos políticos. Mas como sempre acreditei na Justiça Divina e, como saí da casa dos meus pais, em 1968, para estudar e trabalhar, dignamente, acumulei conhecimentos que foram capazes de superar todos os entraves que viessem a dificultar a minha batalha cotidiana: e fui classificada em 1º lugar.

A minha nomeação foi publicada no Diário Oficial do Estado – DOE em maio de 1982, demora decorrente do processo de renúncia ao Cargo de Técnico em Programação Educacional pela SEDUC e sua devida publicação no DOE, que me impossibilitou de ser nomeada de imediato, após a publicação oficial do resultado do Concurso.

Trabalhei na SUDEC de maio a agosto até 13 de setembro de 1982. Nesse espaço de tempo, dediquei-me, juntamente com a equipe à qual fui integrada, à avaliação dos Planos Diretores dos Municípios do Ceará, avaliação esta que constava da aplicação de questionários junto às Prefeituras Municipais, sobre o seu desempenho. Essa atividade exigia o deslocamento à sede dos municípios, da equipe responsável. Viajei, o que não foi novidade para mim, pois quando estava na APC e POLONORDESTE, na SEDUC, também viajava a trabalho.

No final do mês de julho de 1982, fui convidada e indicada, oficialmente, para compor a equipe de elaboração do Plano Estadual de Desenvolvimento – PLANED, para o período 1983/1887, segmento Educação. Terminada essa "tarefa" em dezembro de 1982, voltei à SUDEC.

O Governador eleito do Ceará, Luiz Gonzaga da Fonseca Mota, nomeou como Secretário de Educação Ubiratan Diniz Aguiar.

Fui convidada a voltar à SEDUC/APC para implementação do Plano do qual havia participado da elaboração.

Houve, por parte da SUDEC, resistência à minha disposição. Então falei: "Aqui não há nada, no momento, para fazer; existe servidor saindo pelo ladrão; não há lugar, uma cadeira sequer para eu me sentar; passo o dia todo debaixo das árvores sufocada pelo calor e pela inércia involuntária. Então, para que me querem e por que me prendem aqui?" O responsável, isto é, o diretor do Departamento de Pessoal retrucou: "Se você for para a SEDUC vai receber seus vencimentos por lá". Respondi-lhe de imediato: "Vou receber por este Órgão, pois todos integram o governo estadual, cujo orçamento é único".

A polêmica foi superada pela atitude inteligente do novo Secretário de Educação Ubiratan Aguiar que, em ofício enviado ao Exmo. Sr. Governador do Estado, relacionou todos os técnicos de outros órgãos que deveriam compor sua equipe de trabalho.

Voltei à APC/SEDUC, em março de 1983, pois a posse dos novos governadores, à época, dar-se-ia em 15 de março.

Fiquei na Secretaria de Educação/SEDUC, que já se encontrava funcionando em novo endereço: Centro Administrativo do CAMBEBA.

Trabalhei, implementando as ações educacionais previstas no novo Plano de Governo, do qual havia feito parte em sua elaboração, até março de 1987. Nessa época, não havia no Centro Administrativo muitas condições para que se permanecesse no local o dia todo: somente uma cantina que não dispunha de estrutura para oferecer um almoço ou um lanche reforçado. Agência Bancária, ou melhor dizendo, caixa eletrônico era sonho, bem diferente do que dispõe hoje.

Em março de 1987, fui convidada pela então Secretária de Administração Maria Dias para, juntamente, com a professora Maria Eudes Bezerra Veras, implantarmos a Assessoria de Planejamento da Secretaria de Administração – SEAD, à época, funcionando na antiga sede do Governo do Estado – Palácio da Abolição, Av. Barão de Studart. Aceitei o convite por motivos óbvios: a SEAD ficava bem próxima à minha residência; ia trabalhar com Eudes Veras que a conhecia de algum tempo, pois fomos colegas de trabalho na APC/SEDUC a quem sempre admirei como profissional íntegra e competente; e pelo convite haver partido da Secretária Maria Dias, que eu conhecia como autêntica profissional da Educação e Política.

Trabalhei na SEAD, de março de 1987 a julho de 1989.

Em 1987, quando assumiu o Governo do Estado Tasso Ribeiro Jereissatti, este adotou algumas medidas mo-

ralizadoras, entre elas, a extinção da Superintendência de Desenvolvimento do Ceará / SUDEC, órgão este que havia prestado excelentes serviços à população cearense entre eles, a elaboração e implementação dos Planos Diretores dos Municípios. Esse órgão teve como Superintendente excelentes administradores/gestores, pessoas competentes e íntegras, entre elas, Dr. Paulo Roberto Pinto.

Com o crescimento da corrupção no país, quando o político acha que pode tudo, sem o mínimo de respeito ao cidadão, a SUDEC transformou-se num "cabide de emprego", onde não havia lugar para tantos apaniguados, a ponto de ficarem muitos funcionários concursados, no pátio da instituição, debaixo das árvores, sem nada fazerem e, sem terem sequer um lugar para se sentarem.

A atitude do governador Tasso Jereissatti foi correta e edificante, mas surgiu um impasse: a colocação dos funcionários de carreira da extinta SUDEC em outros Órgãos Estaduais.

Fui orientada a solicitar a minha remoção para o Conselho de Contas dos Município/CCM que estava necessitando de funcionários e lá havia o que eu gostava e sabia tratar muito bem: CONTAS PÚBLICAS.

Quando me decidi a ser removida para o CCM, hoje Tribunal de Contas dos Municípios / TCM, contei com a interveniência da então Secretária de Administração Maria Dias que entrou em contato com o então Presidente Dr. Marcelo Feitosa que, além de perguntar à Secretária tudo sobre a minha vida profissional (onde trabalhei, o que fazia),

ainda se dispôs a me entrevistar, marcando com a Secretária de Administração o dia e a hora da entrevista.

Estive no Conselho de Contas dos Municípios/CCM no dia e hora marcados e me apresentei ao Presidente do Órgão, Dr. Marcelo Feitosa, que apenas me fez duas perguntas: uma sobre orçamento e outra sobre planejamento. Diante de meu desembaraço e desenvoltura em discorrer sobre os assuntos questionados, ele me disse: "Tudo bem, pode ir, depois eu telefono para a Secretária". Quando cheguei à SEAD, uns 10 minutos depois, informaram-me que ele já havia telefonado, solicitando a preparação imediata do meu ato de remoção para o CCM.

O ato de remoção foi preparado pela SEAD e encaminhado à Secretaria de Governo, procedimento usual para ser autorizado pelo senhor governador do Estado.

A batalha foi longa e espinhosa. Diariamente, eram publicados no Diário Oficial do Estado atos de remoção de servidores que se encontravam em situação idêntica à minha. Mas o meu ato ficou parado, segundo Ruth Lima, da Assessoria Jurídica da SEAD, na gaveta do Secretário Sérgio Machado. Não entendi tal atitude, pois este político não me conhecia, não havendo, pois, motivos para tal procedimento.

Enquanto isso, continuava trabalhando na APC/ SEAD e ensinando a uma servidora da casa, formada em Economia, Carmem Sílvia, sem experiência no agir. Nunca deixei de cumprir com as minhas responsabilidades porque o meu Ato de Remoção se encontrava engavetado. Foram dez meses de espera: de julho de 1987 a abril de 1988.

Em abril de 1988, faleceu em Bela Cruz o meu pai Gabriel Archanjo de Vasconcelos. Fui a Bela Cruz assistir ao seu enterro, retornando a Fortaleza, no dia seguinte e retornando dia 23 de abril de 1988 para assistir à missa do 7º dia.

Encontrava-me na Igreja Matriz de Bela Cruz, e antes de começar a celebração da santa missa, concentrei-me e, mentalmente, falei com meu pai, nos seguintes termos: "Meu pai, você foi uma pessoa que sempre gostou de ajudar aos outros. Sei que você está em bom lugar; pois desse lugar, onde você se encontra, converse com Jesus para que meu ato de remoção seja logo publicado no Diário Oficial".

Assisti à missa, ofereci-a ao meu pai Gabriel e não falei pra ninguém que havia feito esse pedido. Retornei a Fortaleza no dia seguinte e, no Diário Oficial de 29 de abril de 1988, foi publicado o que eu havia solicitado: a minha remoção para o CCM.

Mesmo com a publicação do meu Ato de Remoção para o CCM, continuei na SEAD, trabalhando e passando todo o trabalho para a funcionária da casa Carmem Sílvia. Era uma questão de responsabilidade e de profissionalismo.

A professora Eudes Veras, por motivo de saúde, afastou-se, e eu tive que assumir, juntamente com Marina Dias e o Professor Messias, a responsabilidade do funcionamento, a contento, de uma Assessoria de Planejamento, ora implantada e da qual o item "Orçamento" era o mais difícil para que, em pouco tempo, um profissional inexperiente o assimilasse.

Recebia, diariamente, telefonema do colega Freire da extinta SUDEC que, por ser apadrinhado de políticos, havia conseguido, em tempo recorde, sua remoção para o CCM, a me dizer que eu estava perdendo gratificação, à qual só tinha direito quem estivesse em exercício na Corte de Contas. Então, lhe respondia: "Tenho responsabilidade e não posso abandonar o trabalho da SEAD que também é órgão integrante do Governo Estadual".

Em 1989, no início do ano, fui ao CCM e negociei ficar, no expediente da manhã na SEAD, enquanto passava todo o trabalho, evitando, assim, um colapso no desenvolvimento do órgão, enquanto no expediente da tarde ficaria no Conselho de Contas. Esta minha atitude foi baseada em telefonema que recebi do Dr. Zivaldo Rodrigues Loureiro, Diretor do Departamento de Administração Geral do CCM e que já me conhecia da SEDUC. Aconselhou-me nos seguintes termos: "Francisca, o CCM vai dar posse ao novo Presidente, agora em janeiro, e eu vou entregar o cargo de Diretor de Departamento, por isso eu lhe aconselho a vir assumir logo o seu cargo". Agradeci e assim o fiz.

Apresentei-me e negociei. Fui prontamente atendida. Passei a estagiar no Departamento de Apoio Técnico/DATEC, cuja Diretora era a técnica Astrid Goes. Passei três meses sendo orientada pela própria Diretora e pela funcionária Selma Montenegro.

Após esses três meses de estágio, Selma em uma tarde falou para mim: "Francisca, aqui está uma prestação de contas de uma prefeitura. Por favor, analise e faça o relatório".

Analisei a Prestação de Contas e elaborei o Relatório. Depois de pronto, entreguei-o à Selma que, ao recebê-lo, sentou-se ao meu lado, no birô, e passou a examinar o conteúdo. De repente, ela falou: "Astrid, pois não é que ela sabe mais que o pessoal do CCM!". Quanto à forma de apresentação do Relatório, comentou: "Aqui nós temos o modelo de relatório".

Após essa comprovação, fui lotada na 8ª Inspetoria. Com um mês que eu me encontrava lá, e já liberada da SEAD, a Inspetora Dairte incorporou a gratificação de chefia, procedimento permitido, à época, e fui nomeada Inspetora da 8ª Inspetoria, compreendendo o município de Ipu e circunvizinhos.

Em fevereiro de 1991, a Diretora do Departamento de Controle Externo – DACEX, Ivone Teófilo Pimenta, em conversa, perguntou-me: "Francisca, quer assumir a Inspetoria de Fortaleza?" – e continuou – porque Fortaleza é muito grande, é o segundo orçamento do Estado. O primeiro é orçamento estadual, em segundo lugar, Fortaleza e, em terceiro, Maracanaú. É muito complicado o trabalho de Inspetoria, você domina muito bem a parte de orçamento e ninguém quer Fortaleza". Então, eu disse: "Já que estão confiando e acreditando no meu trabalho, aceito e agradeço, pelo menos não vou viajar".

Entregaram-me Fortaleza, em fevereiro de 1991, com os trabalhos de auditoria atrasados, desde 1986, e com um detalhe: a Câmara Municipal de Fortaleza havia sofrido intervenção, em 1988, e tudo se encontrava acumulado.

Designaram para trabalhar comigo: um técnico formado em Ciências Contábeis: Maria Goreth Rodrigues.

Trabalhamos com garra e colocamos tudo em dia. Demorou algum tempo, é claro, pois tudo que é feito com responsabilidade demanda zelo e tempo.

Em 1992, o Conselho de Contas dos Municípios passou a ser denominado de Tribunal de Contas dos Municípios/TCM com todas as atribuições e responsabilidade inerentes a uma Corte de Contas. Era de praxe fazer rodízio entre inspetores, contanto que cada Inspetoria não auditasse um município por período superior a dois anos consecutivos.

Equipe de trabalho do TCM, coordenada por Francisca. Colegas de trabalho: Nelson Andrade, José Raimundo, Washington e Marcus Aurélio – 1994.

Colegas de trabalho do TCM. Da esquerda para a direita: Rebeca, Fernando da Justa, Seléucia e o esposo Nelson, Tereza Pinheiro e José Raimundo – 1995.

Colegas de trabalho do TCM – 1995.

Diante do trabalho apresentado, bem realizado, fiquei com a responsabilidade de auditar o município de Fortaleza no período de fevereiro de 1991 a janeiro de 1997. O trabalho de auditoria abrangia a administração direta e indireta,

com suas sociedades de economia mista, empresas públicas, autarquias, incluindo a Procuradoria Geral do Município, Instituto Dr. José Frota, Companhia de Transportes Coletivos – CTC, Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização/ EMLURB, Frigorífico Industrial de Fortaleza – FRIFOR, Instituto de Previdência do Município – IPM, Instituto de Pesos e Medidas – IPEM.

Em 1994, a 1ª Inspetoria ou Inspetoria de Fortaleza foi transformada em Departamento de Controle da Capital – DACEC. Continuei como Inspetora/Diretora do Departamento recém-criado e recebi para trabalhar comigo os ilustres colegas: Francisco Nélson Andrade Figueredo (contador), José Raimundo Xavier (contador), José Washington Alves Pinheiro (advogado) e Marcos Aurélio (Técnico de Contabilidade / nível Médio). Realizamos um trabalho sem precedentes que possibilitou a fiscalização, em dia, de todos os gastos realizados pela administração municipal de Fortaleza. Foi muito gratificante ter colegas do nível dos acima citados, trabalhando comigo, pois como seres humanos formidáveis e profissionais competentes passaram-me muitos conhecimentos.

Dra. Ivone Pimenta Teófilo, Diretora do Departamento de Controle Externo – DACEX, orquestrava, de maneira competente, todas as atividades de auditoria, especificas do Órgão. Sinto-me privilegiada por ter recebido orientações técnicas necessárias ao desempenho de minhas funções e contar com a confiança, e a amizade de excelente profissional.

Em 1997, foi criado, no TCM, o Departamento de Planejamento. Na qualidade de detentora do título de especialista em planejamento, fui lotada nesse Departamento, como Diretora da Divisão de Planejamento, sem, no entanto, me desligar, totalmente, da auditoria do Município de Fortaleza. Integrei a Comissão Especial de Auditoria de Fortaleza até janeiro de 1999, quando retornei à Secretaria de Educação do Estado/SEDUC, já que detinha o cargo de Professora Especialista, ante a decisão do Governo do Estado que convocara todos os detentores de cargo de professor que se encontravam, à disposição, trabalhando em outros órgãos, para reassumirem suas funções no Órgão de origem. Nessa época, eu já estava aposentada pelo TCM (1995).

A partir de fevereiro de 1999, passei a trabalhar no Centro Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE, setor financeiro.

Inicialmente, dediquei-me à análise das prestações de contas das escolas estaduais pertencentes ao CREDE e que recebiam repasses da SEDUC para custeio de suas despesas de manutenção, incluindo pequenas reformas.

Fiquei apavorada com o que constatei, e a pergunta a mim mesma foi inevitável: "Será que o brasileiro tem arraigado no seu DNA a necessidade de ser desonesto?" – e fui mais longe: não há desculpas quando afirmam: "Essa prática vem dos colonizadores".

Sabe-se que, no início da colonização do Brasil, liderada pelos portugueses, houve falhas profundas na utilização de recursos, na maneira de os adquirir, vendendo-se títulos

de nobreza para quem tinha com que pagar. Os recursos advindos dessas vendas/comércio eram utilizados para a manutenção da Corte, cujos custos eram faraônicos, mas de lá para cá decorreram muitos séculos. Será que o tempo, com o seu poder implacável não se fez suficiente para depurar tais erros?

Em março de 1999, a Secretaria da Fazenda do Estado/SEFAZ fez uma auditoria nas contas – aplicação dos recursos públicos pela SEDUC, incluindo os repasses para o CREDE.

Com tristeza, constatou a má utilização dos recursos públicos pelos gestores.

À época, já me encontrava no CREDE, trabalhando, quando entra no Setor Financeiro a Assessora Jurídica Drª. Ana Menezes Loureiro, com o relatório da auditoria, para o responsável pelo setor, responder, realizada pela SEFAZ, parte referente ao desempenho financeiro do Órgão. Este se encontrava muito atarefado, fazendo pagamento de bolsas aos professores que haviam participado de treinamento. Diante do fato, falei: "Ele não dispõe de condições para realizar mais esse trabalho. Assim, eu posso assumir essa responsabilidade". Drª Ana entregou-me o relatório e, quando li as contestações da SEFAZ fiquei extasiada: quanta ingenuidade (para não dizer má-fé), na aplicação dos recursos públicos. Com os meus conhecimentos e experiência em auditoria contábil/financeira, consegui reverter a situação, e a própria SEDUC, que havia descarregado sobre o CREDE a responsabilidade do mau uso dos recursos públicos, foi caracterizada como Órgão omisso por não ter orientado, tam-

pouco, fiscalizado a aplicação dos recursos pelo CREDE e escolas a ele subordinadas.

Com essa reviravolta, a Diretora do CREDE, Professora Maria das Graças Medeiros Formiga ofereceu-me a direção do Setor Financeiro, o que recusei, de imediato, alegando: "Não vim trabalhar aqui para ocupar cargo de ninguém; as minhas seis horas diárias de trabalho valem mais do que oito ou dez horas de outros funcionários que não têm noção do que estão fazendo aqui e mais um detalhe – acrescentei – o que me faz recursar a oferta é que o responsável financeiro como detentor do cargo de professor ganha muito pouco e não devo tirar o cargo dele. Se há culpado, a responsabilidade não recai somente sobre ele, pois como subordinado, executa o que os superiores ordenam".

Entre abril e junho de 1999, o CREDE passou por uma pequena reforma administrativa, reforma esta que deu origem aos Grupos de Trabalho/GT, assim caracterizados: GT Jurídico, GT Financeiro e GT de Planejamento e Acompanhamento.

A Diretora do CREDE ofereceu-me o cargo de responsável pelo GT Financeiro, o que aceitei, pois não estava tirando a oportunidade de ninguém. A partir de então, iniciou-se a batalha para colocar os pingos nos "is", de modo que tudo ocorresse de acordo com a legalidade e a ética.

Sempre fui muito exigente, mas a minha exigência não se sobrepõe ao legal e, por isso, eu incomodava bastante.

Neste país, chamado Brasil, onde nascemos e vivemos, a moralidade, a legalidade e a ética têm que se sobrepor a

todos os instintos e atos abomináveis aos quais os recursos públicos estão submetidos.

Somos escravos do mau uso dos recursos públicos, quando uma população de milhões e milhões de habitantes paga impostos, e estes que se deveriam voltar em benefício da mesma, agasalham-se dentro de meias, cuecas, bolsas e contas no exterior de alguns que "desadministram" os recursos públicos, nas variadas instâncias governamentais e seus apaniguados.

Certo dia, houve uma reunião do Senhor Secretário de Educação Antenor Naspolline com a equipe do CREDE/Fortaleza, e eu me encontrava presente, bem como a senhora diretora. Houve por parte da equipe uma acusação fortíssima, a meu respeito, sobre minha exigência na utilização dos recursos públicos, expressa, resumidamente, nos seguintes termos: "Você, Francisca é muito exigente, tem que mudar; as coisas não podem continuar assim; os recursos têm que ser aplicados de maneira maleável, sem dificultar a execução das ações educativas nas escolas".

Deixei a equipe falar até extravasar todos os seus recalques. Quando pararam as reclamações, entrei em cena: "Terminaram? Quero dizer pra vocês que, em mim e na minha família, a honestidade está no DNA: meu pai e minha mãe não diziam para nós façam assim, eles davam o exemplo. Se eu estou incomodando é porque vocês querem agir de maneira suspeita/incorreta como outros o fazem. Estou aqui, como fiscal da sociedade e como cidadã. Vocês sabem qual a origem dos recursos públicos? Eles são oriundos dos

impostos que a sociedade paga, e o nome está dizendo: imposição; ninguém paga de livre e espontânea vontade: tiram-lhe à força. Pois bem: estes recursos têm que voltar para a sociedade em forma de bens e serviços. O que é isso? Saúde, educação, segurança, saneamento básico, infraestrutura etc. Mudar? Só se for para melhor. Continuarei aqui como fiscal da sociedade e agindo como cidadã. Se a minha maneira correta e coerente de ser está incomodando a vocês é porque vocês têm o mesmo desejo de usar os recursos públicos em benefício próprio, como muitos administradores públicos, inescrupulosamente, o fazem". O Secretário de Educação baixou a cabeça e não falou nada.

Ele me conhecia, bem como a minha maneira de ser e agir, pois fizemos um Curso da UNESCO, com duração de 200h/a em Garanhuns/PE, nos meses de agosto/setembro de 1977; ele, pelo Ministério da Educação e Cultura/MEC, e eu, pela SEDUC. A convivência não foi de um dia, de uma semana, mas o Curso de Planejamento e Administração da Educação Rural teve início em 29 de agosto e terminou em 30 de setembro. Como participante do curso em tempo integral, sempre tive a oportunidade de expor o que entendia e sabia sobre o assunto, pela vivência/experiência de que era detentora. No meu entender, como autoridade maior da Educação do Estado do Ceará, ele deveria ter-se posicionado: "Ela está correta". Era o mínimo que deveria ter feito. Mas não, baixou a cabeça e não falou nada. Preferiu a omissão.

Quando deixou o cargo de Secretário de Educação, candidatou-se a deputado federal e não foi eleito.

Já sabia que minha atitude de cidadã incomodava, mas nesse dia tive a certeza absoluta de que ser honesto, neste país é missão rara, muito difícil e ariscada. Mas não desisti e não desistirei, pois essas atitudes de improbidade administrativa causam-me náuseas.

Minha trajetória pelo CREDE/SEDUC foi muito gratificante, mas também repleta de percalços.

Em 2004, houve problemas de ordem administrativa com a gerente/diretora do CREDE de Canindé. Esta foi transferida para o CREDE/Fortaleza, através de uma seleção, sobre cujo critério coloco minhas dúvidas. A servidora em questão não tinha competência (preparo) para vencê-la. Acredito mesmo no "empurrão" político muito corriqueiro em nosso país. Assumiu a coordenação do CREDE, em Fortaleza, em julho de 2004 e, já consciente da minha honestidade, conhecimento e domínio das contas públicas, pois eu sempre acompanhei a Diretora anterior, nas reuniões de diretores do CREDE, para assessorá-la, esta novata tratou logo de afastar do Órgão, para o qual fora nomeada como "Chefe", a assessora jurídica Ana Menezes Loureiro e a Assessora em Finanças Francisca das Chagas Vasconcelos que, para ela, constituíam-se verdadeiros obstáculos às suas "maracutaias".

A minha amiga e colega assessora jurídica como já contava tempo de serviço para se aposentar, solicitou, de imediato, a aposentadoria, mas, no meu caso, foi diferente: eu havia tirado parte do meu tempo de serviço do cargo de professor e averbado ao meu cargo de administrador do TCM, não tendo condições funcionais para aposentadoria integral.

Fui, então, lotada no Colégio Justiniano de Serpa, onde fui muito bem recebida. O colégio colocou-me na sala de Micro-Centros para trabalhar na área de informática. Encontrei dificuldades, pois sou portadora de "síndrome do túnel do carpo" o que tornava desconfortável o uso do teclado e do mouse. Diante dessa dificuldade, involuntária, fiquei na Secretaria do Colégio, analisando as prestações de contas e, atendendo às diligências da SEDUC, nesta área.

Nesse ínterim, o Presidente do TCM soube que eu não me sentia satisfeita e estava sendo subaproveitada e solicitou ao Governo do Estado Dr. Lúcio Alcântara a minha disposição para o Tribunal de Contas dos Municípios/ TCM, solicitação esta não atendida.

Diante da recusa do Governador, senti-me subutilizada, quando poderia dar mais de mim mesmo para o serviço público em um Órgão que estava carente de profissionais e que já conhecia o meu trabalho, desvelo e dedicação. Diante disso, solicitei a minha aposentadoria proporcional, no cargo de professor, em dezembro de 2004.

Passados os três meses para o afastamento, dediquei-me à pesquisa e elaboração de um "documentário" sobre a vida de meus pais, intitulado: "A Saga da Família Adriano/ Vasconcelos", compreendendo o período de 8 de janeiro de 1923 a 17 de abril de 1988.

O lançamento deste livro aconteceu em 24 de setembro de 2005, em Bela Cruz, no Instituto Imaculada Conceição, dia em que, se minha mãe estivesse viva, faria 100 anos.

Em outubro de 2005, novo lançamento ocorreu aqui em Fortaleza, no Colégio Estadual Justiniano de Serpa, intitulado "Tarde de Autógrafos", ocasião em que fiz doação de sessenta exemplares para esta Unidade de Ensino, a título de ajuda, pois os recursos oriundos da venda seriam revertidos em favor do Colégio.

Aqui, volto um pouco no tempo, para colocar fatos importantes que não podem ser omitidos.

A CONVIVÊNCIA COM A FAMÍLIA VASCONCELOS DE CAMOCIM

Em 1973, precisamente, no dia 30 de setembro às 21h15min, em frente ao Cine Art, na Rua Antônio Pompeu, quando me encontrava, juntamente com Gláucia Melo, colega de Residência Universitária, discutindo com o gerente o porquê da exibição de um filme nacional por tanto tempo, por mais de dois meses, passa Fernando Vasconcelos em um TL, carro muito usado, à época. Este fez questão de nos conhecer. Aceitamos seu convite para um passeio, por nos parecer uma pessoa responsável, e porque estávamos decepcionadas com a permanência do filme em cartaz a que já havíamos assistido. Era noite de domingo e, no dia seguinte, segunda-feira, recomeçava a rotina de trabalho e de aulas e, assim, era muito cansativo para nós, jovens.

Um detalhe: fisicamente, Fernando se parecia muito com meu pai Gabriel e, talvez, por esse motivo, tenhamos aceitado o convite. Gláucia também conhecia papai.

Após esse primeiro contato, tive a oportunidade de conviver com Fernando, formado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas/RJ, auditor do Banco Central, de conhecê-lo melhor, bem como a sua família, constituída pela senhora Francisquinha, viúva, sua mãe, e os irmãos: Drª. Mirian Vasconcelos, médica pediatra e professora da Faculdade de Medicina da UFC; Dr. Arnaldo Vasconcelos,

XVI JORNADA DE CONFRATERNIZAÇÃO
CAMOCINENSE
DE 22 A 25 DE AGOSTO DE 2013
COMISSÃO ORGANIZADORA:
ANTONIETA FROES
LUCINHA MOREIRA
OLGA CAMPOS
SÉRIE HISTÓRICA
I JORNADA – AGOSTO 1998
II JORNADA – AGOSTO 1999
III JORNADA – NOVEMBRO 2000
IV JORNADA – SETEMBRO 2001
V JORNADA – JULHO 2002
VI JORNADA – AGOSTO 2003
VII JORNADA – AGOSTO 2004
VIII JORNADA – AGOSTO 2005
IX JORNADA – AGOSTO 2006
X JORNADA – AGOSTO 2007
XI JORNADA – AGOSTO 2008
XII JORNADA – NOVEMBRO 2009
XIII JORNADA – SETEMBRO 2010
XIV JORNADA – AGOSTO 2011
XV JORNADA – AGOSTO 2012
XVI JORNADA – AGOSTO 2013

Família Vasconcelos (de Camocim). Da esquerda para a direita: Francisca, Francisquinha e os filhos Fernando e José Maria – 1983.

advogado, bancário e professor universitário (com quem pouco convivi por se tratar de uma pessoa muito ocupada e, um tanto, reservada); José Maria Vasconcelos, irmão mais velho, que só depois conheci, economista pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFC, bancário aposentado e que mora em Salvador/BA.

Em 1986, foram comemorados os oitenta anos de idade de Francisca Fontenele Vasconcelos (dona Francisquinha), em sua residência, na Rua Jaime Benévolo, 1770, bairro de Fátima, solenidade muito bonita que constou da celebração da santa missa, e, após, um lauto jantar foi servido aos presentes, que se constituíam da família e dos amigos e, dentre estes, estava eu.

Francisca e Francisquinha em Canindé – 1984.

A convivência com essa família sempre foi para mim motivo de alegria e satisfação.

Em 6 de fevereiro de 2006, se Francisca Fontenele Vasconcelos estivesse viva (faleceu a 9 de abril de 2002) estaria completando cem anos. Essa data foi celebrada em Camocim, cidade onde nasceu e viveu, casada com Manuel Nemézio de Vasconcelos, também, filho de Camocim.

A missa solene foi celebrada na Igreja Matriz, e tive a felicidade de estar presente, ocasião em que distribuí à família e aos demais presentes um texto elaborado por mim intitulado "Uma palavra de carinho e de saudade".

Margarida (irmã), Maria de Jesus (prima), Francisca e Kátia (sobrinha) – 1973.

Para mim é motivo de muita satisfação ter como amigos verdadeiros pessoas de excelente caráter, generosas e solidárias que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis. Drª. Mirian, como médica pediatra, foi de um desprendimento e doação totais quando acompanhou e cuidou da cardiopatia congênita de Karla Ketícia, bisneta de meus pais. A partir dos três meses, Karla ficou sob seus cuidados médicos e encaminhada, com um ano de idade, ao Instituto do Coração (INCOR), em São Paulo para a cirurgia feita com êxito total, sem nenhum ônus para a família da paciente. Só tenho palavras de agradecimento à Drª. Mirian, por esta e outras gentilezas a mim dispensadas.

Fernando Vasconcelos, amigo compreensivo e solidário nos momentos difíceis, tais como a doença de meus irmãos José Maria e de Genoveva, bem como a cirurgia do meu cunhado José de Paulo, não mediu esforços para apoiar e ajudar financeiramente a família, dispensando atenção à minha mãe Theolina, durante a copa do mundo, em julho de 1998, hospedando-a em seu apartamento, já que estava necessitando de cuidados médicos, após uma queda em sua residência, em Bela Cruz. Fernando não só a hospedou, mas foi peça importante durante o atendimento médico, levando -a ao hospital quando se fazia necessário. A você, Fernando, o meu muito obrigada.

José Maria Vasconcelos, embora morando em Salvador/BA, tem-se mostrado uma pessoa amiga e está sempre em contato comigo. Por isso a ele a minha gratidão.

E a todos os que integram a Família Vasconcelos, de Camocim, os meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Comemoração dos 90 anos de Theolina, a matriarca – 1995.

O SEGUNDO LIVRO E A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO THEOLINA DE MURILLO ZACAS

Depois de vivenciar tantas e tão fortes emoções como o lançamento do primeiro livro, passei a reunir informações sobre a religiosa Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, Filha da Caridade e primeira Superiora do Instituto Imaculada Conceição em Bela Cruz, falecida em 11 de junho de 2002. Com o apoio de Madalena Alcântara Brasileiro Mota, sua irmã biológica, os dados coletados foram sintetizados em um livro escrito por várias pessoas: duas irmãs de sangue, Madalena e Albanisa; por ex-alunas e por religiosas da Companhia de São Vicente de Paulo e de Santa Luíza de Marillac.

Desse livro também participei, ativamente, nos depoimentos, e como Organizadora do mesmo, cujo lançamento deu-se em 21 de abril de 2007, no Colégio da Imaculada Conceição – CIC, em Fortaleza, Dia da Ex-aluna (Irmã Maria Clara foi aluna do CIC durante doze anos).

O segundo lançamento desse livro ocorreu em Bela Cruz, no Instituto Imaculada Conceição, em homenagem à biografada, primeira Superiora desse colégio, em 31 de maio de 2007, data escolhida por ser o aniversário de seu onomástico.

Em 8 de abril de 2011, tive a felicidade de participar da inauguração de uma Escola Estadual, nível Médio, localizada em São Gonçalo, interior do Município de Bela

Cruz, que recebeu o nome de minha mãe: Escola de Ensino Médio Theolina de Murillo Zacas.

Essa solenidade contou com a presença do Governador do Estado, Cid Gomes, e dos Deputados Estaduais da Região do Vale do Acaraú, destacando-se a presença e a participação marcante do Deputado Estadual Sérgio Aguiar, filho de Camocim e autor do Projeto que deu nome à referida escola.

A cerimônia de inauguração foi muito bonita e emocionante e, como representante da família Adriano/Vasconcelos, eu, filha da homenageada, fiz o discurso de agradecimento, quando tive a oportunidade de expor para os presentes um pouco da vida de Theolina, bem como solicitar-lhe que, de onde se encontrasse, intercedesse, para que o corpo docente e o discente da referida unidade de ensino trabalhassem a fim de que esta alcançasse os objetivos a que se propunha.

A minha surpresa e alegria foram imensas, quando em março de 2012, em uma manhã, de sábado, despretensiosamente, ligando a TV Verdes Mares, lá estava sendo apresentada a matéria sobre a escolha desta unidade de ensino como a melhor do Brasil, em inovação tecnológica, e que, por isso, a mesma iria representar o Brasil em cinco países, inclusive, nos Estados Unidos. Fazia parte da matéria a exibição dos laboratórios e dos alunos desenvolvendo suas experiências. Fiquei muito emocionada e feliz. Na realidade, essa unidade de ensino é uma Escola de primeiro mundo.

RECONHECIMENTO, GRATIDÃO E AFETO

Devemos aprender durante toda a vida, sem imaginar que a sabedoria vem com a velhice
(Platão; 428-348 ou 347 a.C.; filósofo grego).

Estes momentos da "CAMINHADA" reunidos neste capítulo tentam mostrar que "A vida só se dá para quem se deu", segundo Vinícius de Moraes (1913-1980), poeta, compositor e cantor carioca. Sintetizam sentimentos de reconhecimento, gratidão e afeto e materializam em atos, emoções profundas que procuram levar ao conhecimento, não só daqueles diretamente envolvidos, mas falar ao coração de todos, da amizade e profundidade dos favores e bondades de que fui merecedora.

O discurso como oradora do término do Curso Normal iniciará a sequência de trabalhos que tiveram como pedra basilar todo o meu reconhecimento, que norteia minha maneira de viver e agir, pois "todo nosso conhecimento se inicia, com sentimentos", segundo Leonardo da Vinci (1452-1519) pintor, escultor e arquiteto italiano.

DISCURSO: COLAÇÃO DE GRAU: CURSO NORMAL – 10/12/1966

Só será coroado aquele que legitimamente tiver combatido, circundando assim a cabeça com uma auréola de glória que cintilará raios cambiantes de renúncias e sacrifícios. Não sabeis que todos correm no estádio, mas somente um alcança o prêmio?

É o que vemos diante de nós neste instante, numa tela panorâmica e festiva, numa alegria vivaz e incontida, este povo amigo que, juntamente conosco, trabalhou e hoje colhe os frutos sazonados de nossa estupenda vitória. As emoções que hoje sentimos, vós, ó família belacruzense, deveis partilhar porque fostes testemunhas de nossas lutas, de nossos sacrifícios, encorajando-nos com o apoio de vossa confiança e de vossa palavra amiga. Ante a magnitude deste ato que ora assistis, não nos sentimos com forças para suportar as fortes emoções de que nos cumulam os loiros da vitória.

Sim, belacruzenses, porque o magistério é uma missão árdua e espinhosa, embora muitas vezes dulcificada pelas merecidas consolações de discípulos amigos e compreensivos. Mas esta alta responsabilidade não nos intimida; não nos amedronta a incompreensão humana, e fortificadas naquele que foi o Mestre dos Mestres – Jesus, nós poderemos, sem fraquejar, encetar a nossa empresa grandiosa que é a de formar os espíritos, os caracteres e as inteligências. O nosso lema é este: Cumprir os deveres de professora, visando sempre aos altos interesses de Deus, da Pátria e do Estado.

É, pois, a ostentação destes projetos futuros que nos enchem o coração de emoção e procuram embargar-nos a voz quando desejamos, neste momento, expressar a quem de direito a nossa gratidão. Hoje, atingimos mais um degrau da escala luminosa do saber, aquela que nos conduz ao magistério. E eis que conquistamos o ápice a que Deus nos destinou, pois estamos convictas de que somos professoras por vocação, pois abraçamos o estado para o qual o Altíssimo nos criou.

E mediante este ato que marca profundamente o progresso desta tão amada terra, que vai aumentar uma página brilhante à história deste povo – a colação de grau da primeira turma de professoras, queremos, neste instante, numa prece silenciosa de agradecimento, levar a cada coração aqui presente uma partilha de nosso afeto e carinho aliada à nossa imorredoura gratidão.

Sempre refletimos sobre este momento em que pudéssemos dirigir nossos protestos de gratidão, àqueles que nos cumularam de benefícios e o fazíamos com uma certa apreensão, levadas pelo temor de esquecer alguém que nos auxiliou a galgar a escada íngreme do magistério. Mas ei-lo que se aproxima. É mister que o façamos. O nosso reconhecimento profundo neste instante ao Onipotente, por nos ter concedido o especial favor da fundação deste Colégio, nesta cidade e a conservação do mesmo. A nossa gratidão volta-se para a pessoa magnânima do Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio que, não medindo esforços, tomou a si a respon-

sabilidade de transformar esta terra fazendo-a progredir em todos os seus setores, salientando-a, principalmente, na religião e na cultura. A vós, Revmo. Pe. Odécio, que cumulastes Bela Cruz de favores e benefícios, construindo este majestoso prédio, ao qual dais a vossa assistência amiga e benfeitora; que fazeis transbordar de alegria o nosso coração pela honra que nos dispensastes sendo Paraninfo de nossa turma; a vós que, como Pastor abnegado, destes toda a vossa juventude a este povo; a vós que nos guiastes como sábio prudente e mestre compreensivo, a quem devemos a nossa religiosidade, a formação de nosso caráter, a nossa intelectualidade, dirigimos o nosso reconhecimento estampando sobre vossa destra o ósculo da gratidão sincera.

Aos nossos queridos pais, amigos dedicados e compreensivos em nossas derrotas e vitórias, que conosco estiveram e lutaram pela conquista de nosso ideal, o nosso amplexo de amor e reconhecimento.

À *Ma-Mère*, mui querida Patrona de nossa turma, que nos encorajou com sua ciência de mãe e mestra, que nos iluminou as inteligências com sábios e santos conselhos, testemunha de nossas quedas e ascensões, guia seguro para um itinerário de luz, o nosso assentimento às suas admoestações, o nosso amor filial e a nossa gratidão.

Não podemos esquecer aqueles que nos iniciaram na senda luminosa do saber e que conosco sempre estiveram, os nossos queridos e estimados mestres, bem como a nossa querida Irmã Ana Maria cuja missão cotidiana era batalharem conosco em prol de nossa educação e cultura.

Fostes vós, mestres amigos, que de uma maneira tão paciente, soubestes suportar a nossa incompreensão e talvez indiferença; vós que no desempenho de vossa santa tarefa éreis muitas vezes alvo de nossas imerecidas análises, pedimos-vos aceitar o nosso muito obrigada por tudo que por nós fizestes. E se há ainda dentro de vosso coração alguma queixa de nosso irrefletido proceder, pedimos, contritas, o vosso perdão e a vossa estima, pois só temos que agradecer os vossos sábios ensinamentos e as vossas prudentes réplicas.

Agora, colegas minhas; resta-nos cumprir nossa missão de mestras e apóstolas.

Não tenhamos em mente exigir de nossos discípulos aquilo de que não somos capazes de oferecer. Olhemos, não para os semblantes e sim para os corações, procurando saciá-los na chama da caridade. Não pensemos em colher somente rosas, tenhamos presente em nossos espíritos que o natural da flor é nascer entre espinhos agudos. Não nos intimidemos.

De mãos dadas, formemos um elo forte na caridade cristã; ponhamos em prática o que aqui recebemos como um reflexo das altas virtudes destes heróis, que se constituíram a nossa maior fortaleza.

Às alunas do 2º Normal, que ocuparão o nosso lugar e se constituirão o braço forte de nosso Colégio, entregamos a querida bandeira de nossa escola. Confiamos que nossas colegas do 2º Normal, depositárias desta honra insigne, saibam elevar bem alto, o padrão de amor, trabalho, cultura, fé

e virtudes excelsas desta casa amiga, onde concretizamos o nosso ideal.

Como o tempo se escoa, urge façamos as nossas despedidas.

Para ti, Ginásio amigo, palco de todas as nossas cenas escolares, testemunho de nossas alegrias e tristezas, e do qual jamais nos esqueceremos, o nosso adeus saudoso.

A vós, Pe. Odécio, amigo compreensivo e nosso estimado mestre, as nossas despedidas.

A *Ma-Mère* querida não podemos dizer adeus porque nos custa esquecer o seu límpido sorriso que nos anima a transpor as barreiras que surgirão em nossa missão apostólica.

A vós, mestres amigos, que sempre soubestes nos perdoar as faltas irrefletidas, a nossa saudade, acompanhada de uma lágrima de reconhecimento.

Porém, tudo ainda não está terminado. Algo assoma à nossa lembrança e vem falar às nossas almas. Capelinha de meu Colégio, sacrário bendito, cofre do mais sagrado tesouro, quantas vezes contemplando-vos, sentíamos uma força nova para continuar a jornada cotidiana e laboriosa de estudante. Que a luz de vosso olhar materno, ó Maria, ilumine os nossos caminhos e guie os nossos passos desta vida nova que vamos enfrentar.

Já é tarde, partamos companheiras em busca de outras paragens, pois o vulto enigmático da saudade, a fada mágica vestida de lilás, tortura-nos o coração neste momento solene da despedida em que é permitido a quem parte levar algo de quem fica e deixar a quem fica algo de quem parte.

DISCURSO EM HOMENAGEM À IRMÃ BRASILEIRO: 1ª SUPERIORA DO INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO (IIC) – 31/5/1967

As alegrias que promanam de vosso magnânimo coração são vividas por todos, principalmente pelo Clube Santa Mônica que, em consonância com os demais, vêm na data de hoje trazer-vos os mais efusivos parabéns.

Sim, Irmã Brasileiro, a grande festa que hoje celebrais é de alta significação, pois comemorais o vigésimo sétimo aniversário de vocação religiosa, que simboliza quase uma existência de renúncia, doação e sacrifício como esposa de Cristo e serva dos pobres.

Somos testemunhas do bem que fazeis a esta cidade, a este povo, aos idosos e aos desamparados, socorrendo a todos, ora com o conforto material, ora com o espiritual, através de um conselho amigo e de um sorriso acolhedor.

Toda Bela Cruz vos é grata, mas nós queremos de um modo, todo especial, expressar-vos o nosso reconhecimento sincero por meio desta mensagem de parabéns que traduz a nossa grande amizade e estima.

Não cessamos de agradecer a Deus o benefício que nos concedeu, enviando-nos uma obreira do bem e do amor para amparar-nos em nossas fraquezas. Hoje mesmo, na santa missa, elevamos ao Altíssimo humílimas preces, pe-

dindo ao Onipotente que vos conceda saúde suficiente para permanecerdes no desempenho de tão profícuo apostolado.

O Clube Santa Mônica, neste dia, vos saúda, aliando a esta simples manifestação um pequeno mimo que traduzirá a amizade, singeleza e a gratidão das mães do Clube Santa Mônica.

SAUDAÇÃO AO MONS. ODÉCIO LOIOLA SAMPAIO – JUBILEU DE OURO DE SACERDOTE (30/11/1991)

Saudação de Francisca das Chagas Vasconcelos

Revmo. Monsenhor Odécio Loiola Sampaio

Minhas Senhoras, Meus Senhores.

Bela Cruz se transforma num cenário festivo para prestar ao Revmo. Monsenhor Odécio Loiola Sampaio a sua mais profunda gratidão, nesta festa de seu jubileu sacerdotal: 50 anos totalmente dedicados à missão de evangelizar e de educar.

Para que a chamada "noite da gratidão" atinja os seus reais objetivos, necessário se faz delinear, historicamente, os acontecimentos que culminaram nesta magnífica vitória. Necessário se faz, repito, coloquemos, hoje, os fatos que a antecederam, para que a juventude tome conhecimento da pertinácia, da dedicação e da abnegação que nortearam os anseios do ilustre homenageado.

Outros falaram e muitos ainda falarão sobre o início de seu apostolado em Bela Cruz, das dificuldades encontradas e, valentemente, superadas para tornar esta gente mais civilizada e menos vulnerável.

Pois bem: reportemo-nos ao ano de 1960 quando Bela Cruz, ansiosa, engalanou-se para receber as Filhas da

Caridade, congregação escolhida para dirigir os seus destinos educacionais. Um raio de esperança brilhou para as famílias belacruzenses e no coração de Mons. Odécio, ele, silenciosamente, colhia o primeiro louro da vitória – 13 de fevereiro aportaram em Bela Cruz as Irmãs de Caridade, desejosas de trabalharem com a juventude, adolescência e infância desta terra, sedenta do saber e carente de formação.

Trinta e oito jovens do sexo feminino deram início à primeira turma do Ginásio. Como uma Via Láctea no sistema solar, estas jovens foram-se movimentando e galgando melhores posições até que, em sua caminhada, em 10 de dezembro de 1966, dez jovens belacruzenses, o que sobreviveu culturalmente da geração de 38, ocupam lugar de destaque no firmamento cultural da cidade como estrelas de 2ª grandeza, circundando a estrela maior que comemora o seu Jubileu de Prata de sacerdócio, o sol que já se tornara, pelo amor à terra e pelos seus feitos, a estrela de 1ª grandeza no meio cultural da cidade.

Estas colocações que ora fazemos, de forma convicta, não tentam empanar o brilho das estrelas candentes, que, à época, já integravam a sociedade belacruzense. Entretanto, o mérito dessas dez jovens sobressai e impressiona a todos, pela formação conquistada em próprio território pátrio: 10 de dezembro de 1966 foi e sempre será uma data festiva e bastante gratificante para as famílias belacruzenses, o marco de um novo tempo, e, em, particular, para o Vigário, o trabalhador incansável que vê na formatura daquelas dez jovens o coroamento de suas lutas cotidianas. A quem cabe o mérito maior? Às dez plantas recém-nascidas para uma nova vida, a do magistério, às Irmãs de Caridade cuja superiora de então, nossa querida Irmã Brasileiro, a quem somos profundamente reconhecidas, ou ao seu idealizador, o Revmo. Monsenhor Odécio Loiola Sampaio?

Jamais se ouviu falar na dedicação, no desprendimento e na batalha pertinaz de um jovem sacerdote para transformar uma aldeia dos idos de 1940 numa cidade contemporânea na intelectualidade de dez jovens que prestaram um juramento de transformarem-se em formadoras de caracteres.

Esta data não surge como uma oportunidade para aqui fazer crescer os méritos da primeira turma de professoras formadas pelo então Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição, cuja célula *mater* foi o Instituto Imaculada Conceição. Este momento ímpar se nos apresenta para levarmos ao conhecimento da juventude de hoje o valor e a abnegação imensuráveis de Mons. Odécio – eterno plasmador de almas.

A nossa gratidão a esse homem que, de humano, tem o suficiente para mostrar os seus defeitos tão nossos conhecidos e, de divino, o dom de sobrepujá-los a ponto de esquecer-se de si mesmo e de seus familiares para se entregar, em sua totalidade, a esta Bela Cruz que, segundo palavras de nossa inestimável Irmã Brasileiro em seus arroubos de caridade dizia: "embora Bela é sempre Cruz".

O exemplo de dedicação e de desprendimento, muitas vezes, passa despercebido por esta juventude de hoje tocada

pelo embalo do rock, imediatista, e que levada pelo arrebatamento da própria idade, muitas vezes, irreconhecida, deixa à margem de sua vida os sábios conselhos do sempre mestre e pastor.

Atenção, juventude de Bela Cruz! Aprendei a amar e admirar o herói que aí está bem perto, que, na experiência e na sabedoria de seus 75 anos bem vividos na dedicação ao próximo e à pregação do amor divino, tem sabido, tão valentemente, tomar o cálice amargo do dissabor que, muitas vezes, nós, os incautos, pela nossa insensatez, colocamo-lo diante de seus lábios, obrigando-o a tragá-lo.

Reflitamos seriamente sobre isto.

Monsenhor Odécio é o Vigário que muitos desejariam ter em sua paróquia: e nós que o temos por inteiro não sabemos amá-lo como ele bem merece. Ele é o símbolo das realizações, é o educador maior e o pastor zeloso de suas ovelhas.

Pois bem, nós, mesmo convivendo em outras paragens, gostaríamos de dar continuidade às nossas reminiscências, fazendo analogias: da Constelação formada por Mons. Odécio e as dez jovens que concluíram o 3º Normal em 1966, três já se desintegraram do universo constelar e as outras sete restantes simbolizam, pela posição de primazia dentre as demais turmas que vieram, posteriormente, o sete-estrelas, as sete cores que compõem o arco-íris, os sete dias da semana e até mesmo, se o desejarem, os sete pecados capitais.

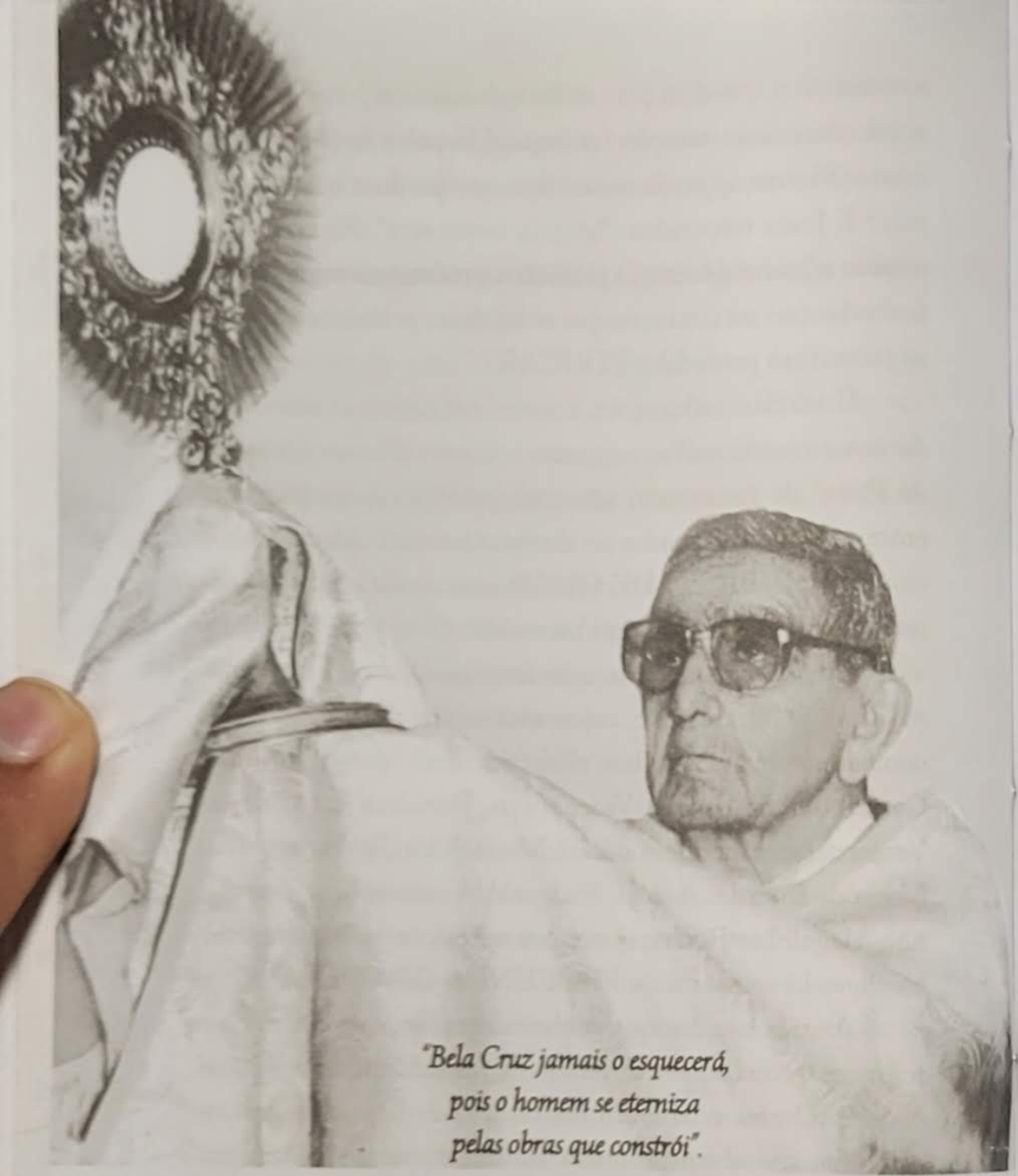
O algarismo sete tem seu lugar de destaque não só na formação cósmica, mas também na religião: o Criador fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou. Jesus quando se encontrava no templo foi inquerido pelos fariseus dessa forma: Mestre, quantas vezes devemos perdoar o nosso irmão? E Jesus respondeu: "setenta vezes sete". Portanto, no mesmo número de sete, as primeiras professoras normalistas formadas por esta casa, na sua totalidade, permanecem fiéis ao juramento proferido: EDUCAR.

Com estas colocações, a turma em uníssono, associando-se ao evento maior, comemora os seus 25 anos (Jubileu de Prata) de formatura; não tem intenção de se interpor entre as atenções devidas ao distinto laureado Mons. Odécio, no seu JUBILEU DE OURO, mas condensá-las numa mensagem de gratidão bem merecida.

Em nome daquelas que formam o arco-íris cultural desta sofrida cidade, cujos nomes fazemos questão de mencionar aqui, por ordem alfabética: Ana Maria Lopes de Carvalho, Ana Rita de Vasconcelos, Francisca das Chagas Vasconcelos (esta que vos fala), Maria Alice de Vasconcelos, Maria de Lourdes Araújo, Margarida Vasconcelos e Terezinha Magalhães Rocha, queremos apresentar ao ilustre homenageado a nossa mais PROFUNDA GRATIDÃO.

As três estrelas que se desintegraram, que se encontram em outra dimensão: Maria de Jesus Maranhão, Maria Nazaré Silveira e Maria Stela Pinto, acreditamos, estejam neste momento em profunda simbiose com todos os que aqui se encontram.

Gratidão profunda e parabéns efusivos é o que trazemos ao Mons. Odécio. E, num coro uníssono, roguemos



"Bela Cruz jamais o esquecerá,
pois o homem se eterniza
pelas obras que constrói".

ao bom Deus para que as forças necessárias ao desempenho pleno de seu apostolado jamais lhe faltem.

PAZ em CRISTO e saúde é o que lhe desejamos.

RETROSPECTIVA: VIDA DE FERNANDO VASCONCELOS

Apresentada na Missa Solene de Seus 70 (Setenta) Anos em 29/6/1998 – Capela Nossa Senhora das Graças / Hospital Militar de Fortaleza

Em 29 de junho de 1928, um dia cheio de sol, enquanto ondas banhavam as praias da pacata cidade de Camocim, nascia Fernando, o segundo de quatro filhos do casal Manoel Nemézio de Vasconcelos e Francisca Fontenele de Vasconcelos.

Infância

No calor do afeto, embalado pelo amor dos pais e pelo carinho dos irmãos, José Maria (o tão querido Zezé), Miriam e Arnaldo, cresceu Fernando cercado pela compreensão e pela admiração de todos os que faziam a família Fontenele/Vasconcelos.

Teve uma infância tranquila como a de outros meninos de sua idade e nível social. Porém, seus dias eram afagados pela presença de um carneiro que lhe servia de montaria. Cavalgar foi sempre uma de suas paixões.

Iniciou-se nas letras, em casa, tendo como professora a própria mãe, mas logo foi encaminhado ao colégio.

Vida em Colégio

Aos doze anos, deixou o convívio amigo e acolhedor da família e de sua terra natal para estudar no Colégio Sobralense. Em Sobral, fez boas amizades que ainda lhe são muitas caras.

Aos 18 anos, em Sobral, serviu ao Tiro de Guerra.

A conclusão do ginásio, em Sobral, fez com que Fernando alçasse voos mais altos, vindo até Fortaleza para cursar o científico.

Aqui, em Fortaleza, encerrou o curso secundário e iniciou a batalha por um emprego. Até então, seus pais haviam custeado todas as suas despesas.

Em 1953, optou por fazer faculdade no Rio de Janeiro. Lá, já se encontrava trabalhando seu irmão José Maria, e a cidade oferecia melhores condições de emprego.

Cursou a Faculdade de Administração na Fundação Getúlio Vargas, integrando a 2ª turma.

Vida Profissional

No Rio de Janeiro, estudou e conseguiu a aprovação em concurso público para o Banco do Brasil. Antes trabalhara na Companhia de Seguros Vera Cruz.

Atuando sempre ao lado do irmão José Maria, que era economista também do Banco do Brasil, foi transferido para a Bahia, em 1959, para trabalhar na região do cacau, precisamente, em Itabuna, na CEPLAC – Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira, onde seu irmão já se encontrava desde o ano anterior.

Em 1968, voltou para Fortaleza, transferindo-se do Banco do Brasil para o Banco Central, onde ocupou o cargo de auditor. Aposentou-se pelo Banco Central em 1981.

Em 1982, a convite, foi trabalhar na Bolsa de Valores Regional onde permanece, até hoje, e muito vem contribuindo com seus vastos e profundos conhecimentos na área de auditoria.

Vida Familiar

Casou-se em 1960. Em 1962, nasceu Icílio Fernando, hoje casado, cursando a Faculdade de Ciências da Computação; em 1964, nasceu Luís Augusto, hoje formado em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará, tendo concluído, recentemente, o curso de mestrado. É bacharel em Direito pela UNIFOR e advogado atuante. Em 1965, nasceu Maria Eugênia, hoje casada e Promotora Pública pelo Estado da Bahia, onde reside.

Embora seu cargo de Auditor no Banco Central exigisse que viajasse muito a serviço, Fernando foi sempre um pai presente, amigo dos filhos zelando pela sua formação e proporcionando-lhes o estudo nos melhores colégios.

Em 1994, nasceu a neta Rebeca por quem tem grande desvelo.

Lazer

Amigo dos filhos, é presença constante nos momentos de descontração.

A caça sempre foi seu entretenimento preferido. Reúne-se, frequentemente, com os amigos caçadores no clube Caça & Pesca.

Sua grande predileção: cães de caça e cavalos.

Foi fazendeiro por algum tempo. Algumas recordações das fazendas Coqueiro e Lagoa da Pedra, em Pentecostes: seus cavalos de raça e seus rebanhos caprinos. E bem pouco recente, no Sitio Águas Brancas, no Município de Pacatuba, exibindo os cães e o cavalo que lá mantinha.

Viagens

Gosta de viajar. Em 1990, esteve em alguns países da América do Sul com um grupo do qual se tornou amigo. No mesmo ano, conheceu a Europa e fez excelentes amizades. Em 1996, esteve nas Ilhas Gregas com seu grande amigo e irmão José Maria.

Amigos

Seu grupo de amigos é seleto, sendo por ele admirado e respeitado. É companheiro e sempre gosta de ajudar a quem necessita.

Fernando é filho dedicado, irmão companheiro, pai amoroso, avô extremado, amigo sincero e devotado, tendo dedicado sua vida ao cumprimento do dever.

É homem honesto, íntegro e sincero.

As mulheres de sua vida são três: a mãe, a filha e a neta.

Mensagem de Carinho

Fernando,
"Você é um dos milagres de Deus.
Tão belo quanto o mais esplendoroso pôr-do-sol,
Tão vasto quanto o céu de um dia claro,
Tão brilhante quanto a primeira estrela da tarde,
Tão raro quanto a mais exótica das borboletas...
Tão maravilhoso quanto as flores desabrochando seu esplendor,
Tão importante quanto a mais alta das árvores
Tão grandioso quanto as montanhas que alcançam o céu
Tão livre quanto a brisa leve.
Você é a melhor das dádivas de DEUS.
Sua mais preciosa criação.
Uma pessoa única, perfeitamente "você"!
E o seu aniversário é o melhor momento para você
Agradecer e lembrar que você é um milagre também!
Que este seja um dia que você jamais esquecerá e que cada novo dia seja cada vez melhor.
Que você confie sempre na sabedoria do Senhor.
E acredite em você.
Na imagem viva que você é, de seu poder, de seu amor.
Hoje e Sempre Você é Muito Especial".

São os votos carinhosos de sua família.

29/6/1998

DISCURSO PROFERIDO POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO 1º LIVRO "A SAGA DA FAMÍLIA ADRIANO/ VASCONCELOS": TARDE DE AUTÓGRAFO EM BELA CRUZ 24/9/2005 – INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO

História de Vida

Nasci nesta cidade, onde morei até janeiro de 1968, participando, ativamente, de tudo que pudesse engrandecê-la.

Aqui, aprendi as primeiras letras, tendo como professora minha própria mãe.

Fiz os cursos Primário, Ginasial e Normal, aqui no Instituto Imaculada Conceição, onde, mesmo como aluna, lecionei por cinco anos. Depois, em janeiro de 1968, enfrentei o vestibular da Universidade Federal do Ceará – UFC, e, aprovada logo da primeira vez, passei a morar em Fortaleza, longe da família e dos amigos para cursar Letras e, a seguir, Pedagogia na mesma UFC.

Sempre me dediquei ao magistério: fui monitora do Curso de Letras da UFC, por três meses, 1971. Ao concluir o Curso de Letras, fui contratada pela UFC, como professora horista, em 1972, para lecionar no Primeiro Ciclo, da mesma Universidade, o que fiz por cinco meses (março/julho de 1972), quando decidi, de livre e espontânea vontade, deixar a UFC, tendo recebido, de imediato, o convite para trabalhar

na Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, Gabinete do Secretário, quando deixei de exercer o Magistério. Fui assessora dos Secretários de Educação Prof. Paulo Ayrton Araújo e Cel. Murilo Walderck Menezes de Serpa, no período de julho de 1972 a abril de 1975, quando fui indicada para compor a equipe da Assessoria de Planejamento e Coordenação da própria SEDUC, após ter feito curso de planejamento, com duração de quatro meses, em Recife – PE. Este curso, em nível de Especialização, trouxe-me a clareza e a lucidez de que minha vocação não era o magistério.

Norteada por esta descoberta, fiz o curso superior de Administração que me possibilitou alçar novos voos.

Na Assessoria de Planejamento da SEDUC, fiquei de abril de 1975 a março de 1987, tendo a oportunidade ímpar de trabalhar com a SUDENE e o DNOCS, prestando assessoramento às Escolas dos Perímetros Irrigados, e com o Banco Mundial, experiências que me fizeram crescer e ser respeitada profissionalmente.

Em 1982, submeti-me a concurso público para o cargo efetivo de Administrador, e, como fui aprovada, minha nomeação data de maio do mesmo ano.

No segundo semestre de 1982, participei da elaboração do PLANED 1983/1987 segmento Educação, o que me credenciou a voltar para a SEDUC, à disposição, para implementar o referido plano, ficando até 1987, quando fui, à disposição, para a Secretária de Administração – SEAD, a fim de implantar a Assessoria de Planejamento, e, em 1988, fui removida para o Tribunal de Contas dos Municípios, à

época, CCM, onde me realizei profissionalmente. Trabalhei dez anos em auditoria: 1989 a 1999, deixando o TCM, em Janeiro de 1999, local onde adquiri muitos conhecimentos e experiência, auditando, como Chefe de Inspetoria/Diretora de Departamento, as instituições que compõem o Governo Municipal de Fortaleza (de 1991 a 1999). Aposentei-me no cargo de Administrador, pelo TCM, em 1995, mas, mesmo aposentada, permaneci, a convite dos dirigentes do Órgão, que viam no desempenho de minhas funções a competência pautada no compromisso, no conteúdo e na honestidade no trato com a coisa pública.

Em 1999, por decisão do então Governador do Estado, Tasso Jereissatti, voltei à Educação porque era detentora do cargo de professor. Fiz opção por trabalhar no Centro Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 21, onde fiquei até julho de 2004, como assessor técnico da área financeira. Em agosto de 2004, fui lotada no Colégio Estadual Justiniano de Serpa e, como não tinha afinidade com o magistério, optei por solicitar minha aposentadoria proporcional, encontrando-me afastada desde março de 2005.

Bela Cruz, minha terra, sempre teve de mim todo o carinho. De 1968 a 2005 nunca deixei de aqui exercer o meu dever cívico. Em 1974, encontrava-me em Recife e, mesmo assim, vim até aqui, e votei. Mas nem todos os belacruzenses pensam e agem da mesma forma.

"A Saga da Família Adriano/Vasconcelos" tem ocupado os meus dias nestes seis últimos meses, e, como os heróis desta história são meus pais, ao mesmo tempo em que são

filhos honrados desta terra, como todos nós, seus descendentes, estamos aqui, para mais um desafio: levar à descendência do casal e amigos da família os feitos de dois seres humanos dignos, que não mediram esforços para que seus rebentos galgassem melhores degraus e tivessem uma vida menos sacrificada.

A Saga da Família Adriano/Vasconcellos
Período: Janeiro de 1923 a Abril de 1988
Bela Cruz- Ceará
2005

TARDE DE AUTÓGRAFOS:
COLÉGIO ESTADUAL JUSTINIANO DE SERPA

Agradecimentos

Desejo, em primeiro lugar, expressar os meus sinceros agradecimentos à minha irmã Margarida, por tornar possível essa tarde de autógrafos, uma vez que foi a idealizadora do livro.

— À Irmã Perpétua, minha conterrânea e minha querida mestra, pela sua participação, expondo de maneira sábia e profunda sobre o tema "família", texto introdução.

Lançamento do livro "A Saga da Família Adriano/Vasconcelos"

— Ao Colégio Estadual Justiniano de Serpa, na pessoa de sua querida diretora Professora Silvana Farias e a todo o corpo docente, pela maneira humana e corajosa como me receberam e por sediar este evento.

— À escritora Giselda Medeiros, minha amiga e conterrânea, responsável pela revisão e pelo texto de capa – orelhas do livro.

— Ao Monsenhor Odécio Loiola Sampaio, primeiro vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz, cujo paroquiato durou 54 anos, e à Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, primeira Superiora do Instituto Imaculada Conceição, cuja administração se estendeu por nove anos, os quais ajudaram a construir esta história e que hoje já não se encontram mais entre nós.

Lançamento do livro "A Saga da Família Adriano/Vasconcelos"

— A todos os meus familiares e amigos pelo apoio a mim dispensado.

— E a vocês aqui presentes, meus amigos de Fortaleza, que me prestigiaram com sua honrosa presença. A todos o meu mais profundo reconhecimento.

História de Vida

A "Saga da Família Adriano/Vasconcelos" exibe a bravura de um casal simples e humilde, nascido em Bela Cruz, cidade do Vale do Acaraú, ao norte do Estado do Ceará. Um casal simples, mas corajoso, batalhador e persistente que não mediu esforços para que seus descendentes galgassem melhores degraus e tivessem uma vida menos sacrificada.

Lançamento do livro "A Saga da Família Adriano/Vasconcelos"

Os heróis desta história, Gabriel e Theolina, foram pais de dezoito filhos (eu, Francisca, ocupo a 14ª posição na escala familiar). Deixaram à sua descendência o exemplo de honradez e persistência e, mesmo vivendo e convivendo numa época de muitas dificuldades e limitações, não desistiram da missão para a qual foram desafiados.

Sempre dispostos e empenhados no cumprimento da missão, não se intimidaram diante dos obstáculos, mas sim procuraram superá-los sem trauma e sem revolta.

Com dignidade, coragem e respeito, legaram a seus descendentes o conhecimento, com nitidez, de que, mesmo

Lançamento do livro "A Saga da Família Adriano/Vasconcelos", em outubro de 2005, no Colégio Estadual Justiniano de Serpa. Destaque: Giselda Medeiros, escritora, da Academia Cearense de Letras.

sendo imenso o desafio, a batalha deve ser contínua e persistente a fim de que os reais objetivos sejam colimados com êxito e supremacia.

Rastreando as palavras de José Mindlin (1914-2010, advogado, empresário e bibliófilo paulista, membro da Academia Brasileira de Letras), ao afirmar que "O livro é um grande companheiro. Companheiro, aliás, pois está sempre à disposição, não cria problemas, não se ofende quando é esquecido e se deixa retomar sem histórias, a qualquer hora do dia ou da noite", tornei possível a iniciativa de minha irmã Margarida e tentei organizar este documentário como testemunho do que o casal realizou enquanto esteve entre nós.

É claro que as suas realizações foram mais abrangentes no que diz respeito à criação e à educação dos filhos, bem como ao convívio com os demais familiares e amigos, mas o que nos foi possível documentar, baseado em registros "oficiais", fizemo-lo com carinho, gratidão e muita saudade, na tentativa de que toda a Família Adriano/Vasconcelos, com seus descendentes, que vieram e que ainda virão, bem como os nossos amigos sejam todos engajados no exemplo dos feitos deste casal admirável.

O escritor carioca, Machado de Assis (1839-1908), em uma passagem do seu célebre romance "Dom Casmurro", assevera: "A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões".

Seguindo o pensamento de Machado de Assis, digo-lhes, caros amigos: sempre que sentirem a alma dominada por esse ambiente sombrio, tomem este documentário e o leiam com o coração aberto, pois, assim, tenho certeza de que as janelas se lhes abrirão, possibilitando a entrada de muita luz e ar puro em sua alma.

MISSA SOLENE POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE FRANCISCA FONTENELE VASCONCELOS, EM CAMOCIM/CE – 6/2/2006

Uma Palavra de Carinho e de Saudade

O filósofo espanhol Julian Mariás, em uma de suas felizes assertivas, assegura que "Cada pessoa tem um traço principal, em torno do qual se organiza o conjunto de sua personalidade".

Consciente da verdade contida nessa afirmativa, desejo ressaltar que Francisca Fontenele Vasconcelos (Francisquinha) a quem tive a honra de conhecer e com quem me foi dada a oportunidade de conviver, por algum tempo, era uma mulher forte, justa, dedicada, amiga e desprendida não só para os familiares, mas para todos os que tiveram a felicidade de partilhar de sua convivência e de sua sabedoria.

Tasso, o grande poeta romano, falando sobre mulheres, garante: "Quanto menos se mostra tanto mais bela é". **Francisquinha** era assim: reservada, discreta, não gostava de se expor. Por isso a citação do político francês Louis Petiet se adequa às suas atitudes: "Devemos aceitar os homens como são, e as mulheres como querem ser".

Desprendida, dedicada ao próximo, **Francisquinha** era prudente em tudo o que fazia.

Neste dia, quero ressaltar algumas de suas virtudes, utilizando-me para isso das iniciais do nome pelo qual ela era conhecida: **Francisquinha**. Não se trata de um acróstico; é, simplesmente, uma mensagem, nascida de um sentimento de gratidão e de muita saudade:

Franca, na sua maneira de ser e agir.
Racional, nos seus gestos e atitudes.
Amorosa, em suas relações humanas.
Nobre, nos seus sentimentos.
Carinhosa, no trato com as pessoas.
Irmã, amiga e companheira.
Solidária, com todos de sua convivência.
Qualificada, em suas atitudes.
Única, em suas ações e sentimentos.
Insubstituível, para os que usufruíam de sua amizade.
Naturalmente, prestimosa e dedicada.
Humilde, quando se fazia necessário.
Atenciosa, em todos os momentos de sua vida.

Luigi Pirandello, dramaturgo italiano, em um de seus pensamentos sobre as mulheres, afirma: "As mulheres são mais generosas do que os homens, pois não veem, como eles, apenas a beleza exterior". **Francisquinha** era essa pessoa generosa, de agir na hora exata, sem que para isso fosse provocada por alguém: ao contrário, tinha iniciativa própria, era dedicada. No lar, em silêncio, ela se debruçava sobre seus bordados e se deslumbrava com a beleza da arte que ia produzindo. Parecia estar colocando em prática uma citação de seu grande amigo, o ilustre cearense Dom Helder Câmara: "Por que falar em voz alta, se todos nós estamos conversando em silêncio?".

E, com imensa saudade, do mais profundo do meu ser, hoje eu digo para **Francisquinha**: pela amizade construída nesse caminho, o agradecimento pelo exercício das virtudes e do consolo nos momentos difíceis. Tenho a certeza de que a amizade verdadeira é a riqueza maior adquirida e cultivada nesta curta transição.

Camocim, 6 de fevereiro de 2006

SÚPLICA E AGRADECIMENTO: MISSA SOLENE PELOS 40 ANOS DE CONCLUSÃO DO CURSO NORMAL – IGREJA MATRIZ DE BELA CRUZ EM 10/12/2006

Para que as pessoas amigas, aqui reunidas, que nos apoiam neste dia em que celebramos 40 anos de formatura como Professoras, Educadoras, estejam sempre atentas e dispostas a colaborarem para o êxito de tão nobre missão,

Peçamos ao Senhor.

Para que o Mestre dos Mestres ilumine a todas nós, a fim de que possamos dar continuidade à nossa missão de educadoras,

Peçamos ao Senhor.

Para que jamais esqueçamos as benesses recebidas de nosso Pai Celestial, de nossos pais e familiares, de Monsenhor Odécio e de Irmã Brasileiro e de todos os mestres que colaboraram para que alcançássemos a realização de nosso ideal de educadoras,

Peçamos ao Senhor.

Meu Jesus, por tudo que de vós recebemos, e para que não nos deixeis fraquejar no desempenho de nossa perene missão,

Peçamos ao Senhor.

Gostaria de, nesse momento, em nome da turma que em 10/12/1966 era constituída de dez jovens e, no momento presente, somos apenas sete aqui representadas por seis de suas integrantes, agradecer a todos que aqui vieram conosco louvar o Senhor e agradecer-Lhe por nos ter cumulado de tantas dádivas, inclusive pelo dom da vida: 40 anos, direta ou indiretamente, no desempenho pleno de nossa missão, e que, se Ele nos permitir, possamos nos encontrar outras vezes.

Agradecer, em particular, a compreensão do vigário Revdo. Padre João Vasconcelos e repetir um trecho do discurso proferido por ocasião de nossa colação de grau, ocorrida há 40 anos: "Já é tarde, partamos, companheiras, em busca de outras paragens, pois o vulto enigmático da saudade, a fada mágica vestida de lilás, tortura-nos o coração neste momento solene da despedida, em que é permitido a quem parte levar algo de quem fica e deixar a quem fica algo de quem parte.

Bela Cruz, 10/12/2006

DISCURSO PROFERIDO POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO LIVRO "IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA" NO COLÉGIO DA IMACULADA EM FORTALEZA 21/4/2007 E, EM BELA CRUZ, EM 31/5/2007

"IRMÃ MARIA CLARA ALCÂNTARA BRASILEIRO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA" é uma síntese da história vivida por esta missionária, cujo apostolado desenvolvido entre os semelhantes, notadamente os mais pobres, engrandece a terra que lhe serviu de berço.

Garota ainda, Maria Clara veio estudar interna, aqui, no Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas Filhas da Caridade, da Companhia de São Vicente de Paulo e de Santa Luiza de Marillac.

"A messe é grande, mas os operários poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe" (Mt. 9,37 38).

À beira do mar, Jesus escolheu seus primeiros discípulos, os pescadores: André, João, Tiago, Pedro...

"Vem e segue-me, eis o convite para uma missão":

"Eu vos farei pescadores de homens" (Mc. 1,17).

Repetindo a história, em Umarituba, Jesus passa, em 1939, e chama: "Maria Clara... Maria Clara..."

E, ouvindo o chamado, ela se decidiu por segui-Lo, acompanhando os passos de São Vicente de Paulo e de

Santa Luiza de Marillac, na Companhia das Filhas da Caridade.

"Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi..." (Jo. 15,26).

Maria Clara deixou tudo. Fez o postulado aqui, no Colégio da Imaculada, e partiu para o Seminário do Matoso, no Rio de Janeiro, para o noviciado, colocando-se em constante disponibilidade: "Eis-me aqui... eu vim, ó Deus para fazer a tua vontade" (Hb, 10,7).

Terminado o noviciado, chega o momento esperado: o envio à Missão. Sob as asas brancas da "corneta", *Soeur* Brasileiro, com o nome de Irmã Catarina, parte para Pacoti, com destino ao Instituto Maria Imaculada: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça" (Jo. 15,16). Não vós, mas Eu, diz Cristo. E aí está, exatamente, o fundamento da eficácia da missão.

Após 20 anos em Pacoti, Irmã Catarina é designada primeira Superiora do Instituto Imaculada Conceição de Bela Cruz: "...estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida eterna e são poucos os que acertam com ele" (Mt. 13-14).

Em Bela Cruz, apesar das dificuldades encontradas como fundadora da Casa, foi muito feliz passando nove anos desenvolvendo um apostolado profícuo, sendo transferida para Viçosa do Ceará, em seguida, São Benedito, ambos na Serra da Ibiapaba e, por ultimo, Aracati, não mais como Superiora, mas dedicada à comunidade de Fortim,

onde deu continuidade à sua missão evangelizadora, voltada como sempre, para os mais necessitados, espiritual e materialmente.

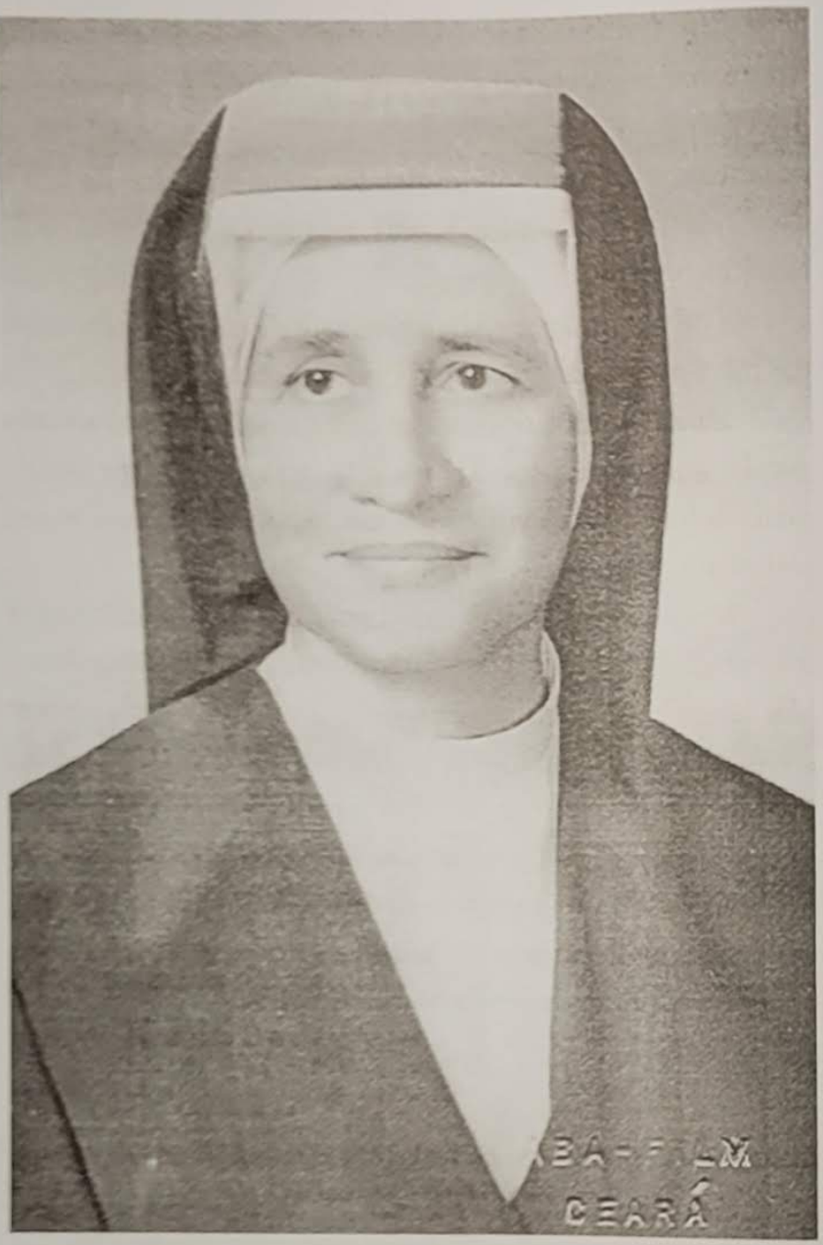
Exemplar cumpridora fiel dos votos de "Irmã de Caridade", mostrou na prática da vida, no seu dia a dia, uma dedicação incondicional ao respeito e à dignidade humana, vendo a causa do pobre, do mendigo, do menor carente, da gestante, das mães pobres, das prostitutas e dos desempregados.

Hoje estamos felizes e gratos pelo trabalho realizado por Irmã Maria Clara. Temos a certeza de que ela continuará intercedendo por todos nós para que possamos ser, realmente, soldados de Cristo.

Sua ausência constitui-se um vazio impreenchível que leva a todos nós a afirmar com profundo carinho: "Saudade! Um lenço branco me acenando.../ Uma vontade de chorar sorrindo, / Uma vontade de sorrir chorando" (J.G. de Araújo, 1916 – 1987, poeta e político acreano).

Sem sombra de dúvidas, tivemos entre nós um grande exemplo de ser humano: uma mulher corajosa, determinada, evangelizadora, modelo de santidade, de doação e amor a Deus e à sua obra de servir aos pobres.

21/4/2007



Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro

DISCURSO EM COMEMORAÇÃO AO JUBILEU DE OURO DO INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO DE BELA CRUZ, EM SOLENIDADE OCORRIDA EM 14/2/2014

50 Anos Semeando e Colhendo

O Instituto Imaculada Conceição de Bela Cruz é, sem dúvida, um grande feito para todos os belacruzenses que trabalharam para a realização deste sonho e assistiram orgulhosos à sua inauguração em 14 de fevereiro de 1960. Aguardaram com carinho e alimentaram a esperança de melhores dias, esperança esta que os envolveu até hoje e, para aqueles que ainda não eram nascidos, mas colhem, agora, seus frutos, afagam, agradecidos, esta data e louvam a Deus por esta preciosa dádiva: a celebração de seu Jubileu de Ouro.

Às 18h do dia 13 de fevereiro de 1960, Bela Cruz, ansiosa, e com grande expectativa, recebia as Religiosas da Companhia de São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac – as Irmãs de Caridade.

Seu grande benfeitor, o incomparável e inesquecível líder religioso, o então Vigário

Padre Odécio Loiola Sampaio via concretizar-se, de maneira palpável, a sua grande aspiração: entregar à população belacruzense o Instituto Imaculada Conceição que seria, a partir dali, o condutor da formação cultural e religiosa do povo belacruzense e o responsável pela descoberta e promoção de grandes talentos não só os oriundos da própria terra, mas também aqueles advindos das cidades circunvizinhas, após beberem os ensinamentos na mesma fonte.

As luzes do alto conduziram o Pastor na escolha das obreiras para o trabalho da messe: as Irmãs de Caridade. "A messe é grande, mas os operários poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe" (Mt.9,37-38).

A inauguração do Instituto Imaculada Conceição aconteceu em 14 de fevereiro de 1960, tomando posse, como Superiora, Irmã Maria Clara Alcântara Brasileiro, juntamente com as auxiliares, Irmã Ana Maria Meireles e Irmã Bernadete Carvalho. Para abrilhantar a solenidade estiveram presentes os Superiores da Companhia Padre Luis Gusswenhow, Diretor, e Irmã Marcillac, ladeados pelo idealizador da obra, o vigário Pe. Odécio Loiola Sampaio, pelas autoridades locais, pela sociedade belacruzense, bem como pelas autoridades convidadas das cidades vizinhas.

Era o marco de um novo tempo para Bela Cruz, que via a possibilidade de seus filhos galgarem melhores degraus na escala do saber, sem a necessidade de deixarem seus familiares e se deslocarem para centros mais avançados para

estudarem. Novas perspectivas se apresentavam às famílias belacruzenses, objetivando a conquista de um futuro promissor para os seus filhos. Por isso, o acontecimento provocou tantas expectativas e agitou os sonhos dos belacruzenses, proporcionando a todos uma emoção incontida e uma alegria contagiante.

O desafio estava apenas começando: não era somente o campo educacional que seria contemplado com a presença das Filhas de Caridade, mas as famílias carentes constituir-se-iam, também, alvo de suas ações, e a população total, o centro de todos os benefícios advindos da missão evangelizadora das Irmãs de Caridade.

O vigário não só idealizou e construiu a obra, mas com o seu entusiasmo e o seu espírito empreendedor contagiou toda a sociedade belacruzense para que todos se envolvessem na conquista do ideal colimado: Padre Odécio tornou-se o Provedor do Instituto Imaculada e não só assumiu a docência das Matérias Latim e Religião, mas ministrava aulas para os alunos dos Cursos do então Ginásio e Normal. A gratuidade dessas aulas e seu entusiasmo, somados ao suporte financeiro paroquial, bem como a presença constante em todos os momentos foram determinantes para que as Religiosas obtivessem o sucesso tão almejado por todos.

Foram anos de muito trabalho e muita luta persistente para que se atingissem os resultados desejados.

O plantio era constante, e a colheita, confortadora.

Nesses 50 anos, centenas e centenas de jovens concluíram o Ensino Fundamental e outros tantos o Ensino Mé-

dio, com destaque para os concludentes do Curso Normal que se transformaram em professores do próprio Instituto, assim como das demais Escolas Municipais e Estaduais localizadas no município de Bela Cruz e fora deste.

Colocamos em destaque as obras fundadas no decorrer desses 50 anos:

Em 1960, foi instituída a Associação Santa Luiza de Marillac, pela então superiora Irmã Brasileiro, com a finalidade de fortalecer a missão junto aos pobres desempregados, levando-lhes o conforto material e espiritual.

Em 1961, foram formados grupos de oração e criada a Associação das Benjaminas, numa tentativa de aproximar mais os jovens da Igreja e, consequentemente, de Cristo, canalizando as energias para a causa do bem.

A fundação do Externato Santa Luiza de Marillac, em 1962, objetivou oferecer escolaridade às crianças da periferia e, posteriormente, esse espaço foi utilizado pelo Instituto para que os alunos do último ano do Curso Normal efetuassem, ali, seu estágio obrigatório, essencial à formação dos futuros educadores. Com o passar do tempo, em 1993, diante das dificuldades surgidas para a manutenção da obra, a Prefeitura Municipal encampou o Externato, dividindo-o em Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Creche Santa Luiza de Marillac cujo funcionamento é garantido até hoje.

O Clube Santa Mônica, destinado a promover, socialmente, as mães carentes, por meio da capacitação profissional, fundado em 1963, continua até hoje sua missão assistencial. Atualmente, acolhe também as pessoas da terceira idade, desenvolvendo atividades de tapeçaria, terços e outros acessórios. Sua ação é constante, e os encontros diários permitem a programação das festas locais, tais como: São José, Páscoa, mês de maio, Dia das Mães, dia de São Vicente e de Santa Luiza de Marillac, festa da Padroeira, Natal, entre outras. Tem por finalidade proporcionar aos idosos uma convivência saudável e aconchegante, indispensável nessa fase da vida. Por ocasião das festas citadas, há distribuição de presentes e, nas reuniões, aos sábados à tarde, é servido lanche a todos os participantes.

Em 1964, com a aquiescência de Irmã Marcillac, o Instituto abriu as portas para o internato de 20 jovens das cidades circunvizinhas.

Em 10/12/1966, concluiu o Curso Pedagógico a primeira turma formada por 10 jovens belacruzenses.

Em 1967, a então superiora Irmã Brasileiro negocia recursos com a Alemanha para a construção de um novo espaço para a Comunidade, destinando o anteriormente ocupado para as atividades educacionais.

As ações continuam sendo desenvolvidas pelas missionárias que contam com o apoio incondicional da sociedade belacruzense.

No decorrer dos 50 anos, o Instituto contou com o trabalho árduo das Irmãs serventes: Irmã Brasileiro, Irmã Lins, Irmã Maria Stela Colares Goes, Irmã Ercília Lima Aragão, Irmã Nazaré, Irmã Adriana e todas as demais religiosas que se dedicaram à missão educacional e evangelizadora para as quais foi criado.

Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro
Instituto
IMACULADA CONCEIÇÃO
Bela Cruz/CE, fevereiro de 2010
Jubileu de Ouro
Tradição e 50 Credibilidade
1960 - 2010
Da fundação ao Jubileu: uma história dedicada à educação

Atualmente, encontra-se à frente, dando continuidade ao apostolado, como Irmã Servente, a Irmã Madalena, auxiliada pelas co-Irmãs.

As dificuldades são inúmeras, desde o início, mas, com a proteção divina e dos fundadores da Companhia de São Vicente de Paula e Santa Luiza de Marillac, respaldada no apoio dos belacruzenses, esta obra continua e continuará firme, como firmes foram o desejo e o trabalho do primeiro vigário de Bela Cruz, Mons. Odécio Loiola Sampaio, que contou com o empenho da sociedade local para transformar Bela Cruz numa cidade mais humana e mais justa.

Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Nem se acende uma candeia para se colocar debaixo do alqueire, mas sim sobre o candelabro...
Mat. 5:14-15.

Francisca das Chagas Vasconcelos
Ex-aluna e ex-professora do Instituto

DISCURSO DE AGRADECIMENTO: SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO THEOLINA DE MURILLO ZACAS, EM SÃO GONÇALO, NO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ, EM 8/4/2011

Aqui estou para, em nome da família Adriano/Vasconcelos, congratular-me com aqueles que tiveram a lembrança de indicar o nome de Theolina de Muryllo Zacas para designar esta unidade de Ensino Médio do Governo do Estado do Ceará.

Somos profundamente reconhecidos por este nobre gesto.

A funcionalidade desta unidade de Ensino tem muito a ver com o que Theolina fez enquanto se encontrava entre nós.

Pois bem: parodiando o filósofo hispano-americano Santayana, segundo o qual a "família é uma das obras primas da natureza", quero afirmar que, mesmo não se encontrando mais entre nós, Theolina, minha mãe, foi um exemplo de esposa abnegada e de mãe dedicada: enfrentou as durezas e dificuldades da época, dedicou-se à educação da família, ensinando aos filhos não só o conhecimento e o domínio das letras, mas preparando as filhas mulheres no exercício das prendas do lar.

Segundo Goethe, poeta alemão, "é feliz apenas quem dá", e, foi nessa entrega diária, ao longo dos anos, que ela

conseguiu inocular em todos nós os conhecimentos de que era possuidora, já que não há "nada mais eloquente que a ação".

Sabemos que "a verdadeira nobreza se adquire com a vida e não com o nascimento". Partindo desse princípio, quero aqui reportar-me, de maneira sucinta, à pessoa de Theolina de Muryllo Zacas, a minha mãe: frequentou a escola durante três meses; casou-se aos dezessete anos de idade com Gabriel Arcanjo de Vasconcelos com quem teve dezoito filhos, dos quais ela foi professora de quinze; três faleceram ainda pequenos, antes da fase escolar.

Enquanto o esposo trabalhava na agricultura para prover a casa, ela ficava com a família o dia todo, todo dia, junto aos filhos, vivendo e convivendo com eles, pois "nada se aprende ou se ensina bem, sem o exemplo".

Inauguração da Escola de Ensino Médio Theolina de Muryllo Zacas, em 8 de abril de 2011. São Gonçalo, município de Bela Cruz.

Era conhecida por todos como uma mulher forte, muito rígida em seus princípios e muito enérgica no que se referia à educação dos filhos. Voltada para as prendas do lar que as dominava e as desenvolvia com habilidade, tais como: bordado, crochê, tricô, labirinto e renda, entre outras, ainda lhe sobrava tempo para se dedicar à educação dos filhos, alfabetizando-os e só os encaminhando à escola quando já sabiam ler e escrever.

Essa função ela a desempenhava com maestria e desvelo.

"Há aparência de dureza que ocultam tesouros de sensibilidade e afeto", segundo Júlio Diniz, médico e escritor português. Era assim que Theolina agia, por isso, ela conseguia que os filhos aprendessem, com rapidez, uma vez que "só quem manda com o amor é servido com fidelidade".

Theolina tinha plena convicção de que "educação não é encher um balde, mas acender um fogo".

Era, assim, a minha mãe Theolina.

Desejo, profundamente, que todo o corpo docente e, principalmente, o corpo discente deste estabelecimento de ensino, ora inaugurado, tenham a convicção de que "muitas palavras nunca indicam muita sabedoria", mas as atitudes é que nos levam a concretizar nossos ideais.

Avante! Que Theolina, lá de onde se encontra, possa emprestar aos adolescentes desta Unidade de Ensino, como um anjo da guarda o faria, a energia e a persistência necessárias para que possam alcançar seus objetivos.

Para encerrar, dedico à minha mãe, como se ela ainda estivesse entre nós, estas palavras: "Para louvar nossa mãe / Todo bem que se quer / Nunca há de ser tão grande / Como o bem que ela nos quer" (Mário Quintana, escritor gaúcho). E ainda: "Saudade! Um lenço branco me acenando...! Uma vontade de chorar sorrindo / uma vontade de sorrir chorando" (J. G. de Araújo, poeta e político acreano).

Muito Obrigada.

O VERDADEIRO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Se pensássemos em todas as sortes que tivemos sem as merecer, não teríamos coragem de nos lamentar
(Jules Renard, escritor francês).

Considero-me uma pessoa privilegiada por tudo o que me foi concedido.

Fiz a minha parte, mas, admito que a luz do Alto iluminou os caminhos de minha vida, portanto resta-me o dever de levar ao conhecimento público toda a benemerência que me foi concedida.

Ter nascido em uma família numerosa cujos pais eram católicos praticantes, cristãos tementes a Deus que O tinham como norteador de suas vidas, e como suporte material o trabalho honesto, faz-me acreditar que só tenho o que agradecer.

Norteada pelos ensinamentos e pela vivência ética de meus genitores, julgo-me uma cidadã que age de maneira correta, cujas ações são pautadas pela honestidade e pela legalidade, respeitando os princípios éticos. Como católica, acredito na Onipotência Divina que rege os destinos da humanidade, e de onde me vem toda a energia para enfrentar e superar todos os obstáculos próprios da vida.

A minha caminhada de lutas e de muito trabalho que me proporcionou grandes conquistas teve, como suporte, a

fé em Deus e o poder para me apoiar nesta Força Maior a fim de vencer todas as adversidades e adquirir a força moral para transpor os estorvos próprios da vida humana, sendo, portanto, motivo de muita alegria.

Utilizo-me deste instrumento para tornar público o meu profundo reconhecimento e agradecimento ao Todo Poderoso pela assistência contínua e infalível em todas as adversidades, proporcionando-me o vigor suficiente para prosseguir.

Aos meus queridos e inesquecíveis pais, Gabriel e Theolina, que, amparados e norteados pela Providência Divina, tornaram-se o meu esteio, aqui na terra, e tenho a convicção de que, onde se encontram, continuam a missão que lhes foi confiada, a minha eterna gratidão.

Aos meus professores de Bela Cruz: Maria Neuma Vasconcelos Carvalho, minha madrinha de batismo; Maria do Perpétuo Socorro Carvalho, hoje Irmã Perpétua; Monsenhor Odécio Loiola Sampaio (*in memoriam*) primeiro Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição que, nos seus cinquenta e quatro anos de paroquiato, trabalhou, de maneira incansável, pelo progresso da cidade, destacando-se o setor educacional, tendo sido meu professor de Latim no Ginásio e de Religião no Ginásio e Normal; à Irmã Brasileiro (*in memoriam*); à Irmã Tereza Colares Góes aqui representando todas as Filhas da Caridade que foram minhas mestras e João Venceslau de Araújo (Sr. Joca) (*in memoriam*), meu professor de Música, o meu muito obrigada.

Aos professores universitários, aqui representados por Luís Tavares, Milton Dias e Loubiê (Faculdade de Letras

UFC), pelo casal Adil e Lúcia Dallago e Padre Luís Moreira (Faculdade de Pedagogia/UFC) e Prof. Júlio César do Monte como Procurador de todos os meus mestres da Faculdade de Administração/UECE, o meu reconhecimento profundo a todos esses profissionais dos citados cursos universitários, nas pessoas aqui mencionadas, que, direta ou indiretamente, contribuíram para que alçasse voos mais altos.

A minha amizade, carinho e gratidão ao casal amigo Aldeni e Maurício Vasconcelos, que, generosamente, acolheu-me em sua residência, durante o vestibular e nos três primeiros meses de vida universitária e, em outras ocasiões, quando participei de outros cursos.

Quanto à vida profissional, o meu reconhecimento ao Prof. Paulo Ayrton Araújo, Secretário de Educação do Estado/SEDUC e ao Cel. Murilo Walderck Meneses de Serpa, seu Chefe de Gabinete e, depois titular da Pasta, que depositaram em mim a confiança necessária para que eu me tornasse um profissional responsável e ético.

Os meus agradecimentos sinceros à família de Maria de Melo Brito e Silva, conhecida como Dona Marieta, aqui representada pelos filhos: José Abner, Luzinete, Gláucia, Fátima e Lúcia, pela maneira carinhosa como me acolheu, convidando-me para morar em sua residência, na Rua Frei Vidal, Bairro São João do Tauape, Fortaleza, em 1976, pelo período de um ano, quando me encontrava com problemas de moradia. Não podia, pois, omitir o carinho de Dona Marieta, cuja memória reverencio, uma vez que sempre me tratou como se da família eu fosse.

O meu muito obrigada à Ivani Lima Feijó, minha colega de APC/SEDUC que, norteada pela caridade, recebeu-me em sua residência por dez dias, em outubro de 1980, após ter-me submetido a uma cirurgia. A você, Ivani, todo o meu carinho e amizade.

A minha gratidão se estende, também, à Maria Dias pelo convite que me fez para trabalhar como sua assessora na Secretaria de Administração do Estado /SEAD, quando Titular da Pasta.

Ao Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios, Dr. Pedro Ângelo Sales Figueirêdo, representando aqui todo o Colegiado, que confiou no meu trabalho, os meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

Aos colegas de trabalho da SEDUC, SEAD, TCM e CRDE-21/SEDUC a minha amizade e o meu afeto.

Ao Colégio Estadual Justiniano de Serpa, na pessoa de sua Diretora, à época em que lá trabalhei, Professora Silvana, o meu carinho e gratidão.

Aos amigos José Maria Vasconcelos, Fernando e Miriam, filhos de Francisca Fontenele Vasconcelos (*in memoriam*) toda a minha amizade, admiração e carinho.

Aos meus queridos irmãos, que se constituíram meu porto seguro, após a partida de meus pais, destacando-se Margarida, que, com dedicação, sempre me acolheu em sua residência, juntamente, com o esposo Gabriel e o filho Tiago, o meu muito obrigada.

À minha sobrinha Kátia Virginia, que sempre está ao meu lado, em todos os momentos, de modo especial, nos

mais delicados e difíceis, como me acompanhar aos hospitais nos casos de cirurgia, todo o meu reconhecimento.

À acadêmica Giselda Medeiros, amiga que me tem apoiado na elaboração dos livros, a minha admiração, o meu carinho e reconhecimento.

Enfim, a todos os amigos aqui representados por Padre Valderi Rocha, Vigário de Cruz, Ivani Feijó, Madalena e Albaniza Alcântara Brasileiro, Olga Nunes da Costa Medeiros, Drª. Eliane (farmacêutica), Ione Soares, Gláucia e Luzinete Melo, Malvina, Ana Menezes, Zélia Amorim, Izabel Macedo, Lady Leal, Nivea Evangelista, Salete Maia, Eulália Pinho e Antônio Gonzaga seu esposo, todo o meu afeto, carinho e respeito.

A caminhada continua enquanto Deus me permitir, mas tenho como dever ser profundamente consciente e ter a humildade necessária para levar ao conhecimento de todos os meus familiares e dos amigos as benesses de que sou alvo e agradecer, do mais íntimo de meu ser, a benemerência divina por ter, generosamente, me proporcionado a energia e a perseverança suficientes para que eu concretizasse além dos meus sonhos, porque "Quando as pessoas acreditam em si, é impressionante o quanto são capazes de realizar" (San Wolton, empresário americano).

Momentos de Lazer

Excursão às serras gaúchas: Curitiba. Janeiro de 1999.

Visita às Cataratas do Iguaçu – 1999.

Visita ao centro de lazer Beto Carrero World. Janeiro de 1999.

Visita às praias de Itarema-CE. Janeiro de 2001.

Praia de Jericoacoara

Ytacaranha Hotel de Serra – Serra de Meruoca – Ceará

Bondinho do Pão de Açúcar – Rio de Janeiro/RJ

Visita ao Santuário da Mãe Rainha – Quixadá – Ceará

Homenagem à Ala dos Namorados que teve papel decisivo na vitória de Aljubarrota – o Brasão dos Vasconcelos (segundo livro de Armeiro Mor, 1509) a cuja Família pertencia Mem R. de Vasconcelos, seu comandante

1385-1985

Edição limitada a 2500 exemplares

Colecção Comemorativa do 6º Centenário de ALJUBARROTA

1385 – 1985

CERTIFICADO DE AUTENTICIDADE

Este certificado é referente ao conjunto de duas placas em porcelana representando Brasões de Armas.

O Brasão dos **Vasconcelos**, segundo o Livro do Armeiro-Mor de 1509, tem o objetivo de salientar o papel decisivo desempenhado pelos indómitos combatentes na batalha de Aljubarrota, através da apresentação do Brasão da família a que pertencia Mem Roiz de Vasconcelos, comandante da **Ala dos Namorados**, entre cujos combatentes se encontrava também um outro irmão Rui Mendes de Vasconcelos. Pelo papel desempenhado no decorrer da batalha, na firmeza com que enfrentou o embate castelhano, a presença e acção da **Ala dos Namorados** na batalha de Aljubarrota merece ser especialmente lembrada. É também uma homenagem à juventude portuguesa com quem Portugal sempre tem, generosamente contado.

A placa alusiva ao brasão da casa Pereira a que pertence o **Condestável D. Nuno Álvares Pereira**, tal como vem representada no livro do Armeiro-Mor existente na Torre do Tombo e mandado fazer por D. Manuel I, em 1509, visa evocar, pensamos que melhor que as suas figurações, mais ou menos lendárias, a figura do Condestável, extraordinário estratega da guerra do movimento, a que mais convinha ao exército português menos numeroso do que o castelhano. D. Nuno Álvares Pereira o Condestável, o "organizador" da batalha e seu executor, nos momentos essenciais, desempenhou, por si próprio e pela sua descendência, um papel decisivo na História de Portugal. Aqui representado, como se disse, pelo **brasão dos Pereiras**, será também, a partir da sua descendência que se constituirá a **Casa de Bragança** pelo casamento de sua filha com D. Afonso, filho, por sua vez do rei D. João I.

Com esta edição histórica, a Vista Alegre associa-se às comemorações do VI Centenário da Batalha de Aljubarrota lançando esta Colecção rigorosamente limitada a 2500 exemplares de cada brasão em fina porcelana.

Todas as peças são acompanhadas de Certificados de Autenticidade numerados.

Colecção n.º 1393

Lisboa, 2 de Maio de 1986

Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, Lda.

O Presidente do Conselho de Administração

VISTA ALEGRE VA PORTUGAL

BNU

RDS
EDITORA

Este livro, com o formato final de 14cm x 21cm, contém 151 páginas.
O miolo foi impresso em papel Off-Set 75g/m² LD 64cm x 88cm.
A capa foi impressa no papel Cartão Supremo 250g/m² LD 66cm x 96cm.
Tiragem de 1.000 exemplares.
Impressão no mês de agosto de 2014.
Fortaleza-Ceará.

provam, o labor (estudantil e profissional) de um ser humano solidário, responsável, ético, incorruptível em suas tomadas de decisão. E, com sua competência e decência de caráter, não poderia passar ilesa diante da vulnerável sociedade em que alguns pela sua fragilidade e incompetência sentiam-se incomodados e, muitas vezes, derramavam ofensas àquela que apenas queria trabalhar com desempenho, ética e respeito.

Ao ler a narrativa de Francisca, ante as atitudes invejosas e, por vezes, até maldosas de alguns colegas de trabalho, achei pertinaz lembrar esses versos do belíssimo soneto de João Ribeiro (1860-1934), intitulado "O Vagalume e o Sapo", por refletir a realidade de muitas pessoas-sapos que não podendo ser vagalumes, procuram empanar-lhes o brilho:

Pergunta-lhe o vagalume:
"Por que me vens maltratar?"
E o sapo com azedume:
"Porque estás sempre a brilhar!"

Parabéns, Francisca Vasconcelos! Continue espargindo seu brilho por onde quer que você passe!

E aos seus leitores, auguro excelentes momentos de entretenimento com a leitura de *A **Caminhada***.

Giselda Medeiros
DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Não posso nem devo me considerar "modelo de pertinácia", mas posso afirmar que vale a pena insistir. Se houver recuo diante da primeira dificuldade, o que caracteriza fraqueza e inconsistência dos ideais, os passos seguintes se tornarão improváveis.

A vontade e o desejo de levar ao conhecimento de todos que, embora a batalha seja árdua, se houver persistência, seremos vitoriosos, levaram-me a reunir neste compêndio tudo o que enfrentei durante os anos até agora vividos.

Francisca Vasconcelos